

NEOPENTECOSTALISMO

Conferência teológica apresentada pelo Prof. Isaltino Gomes Coelho Filho à Faculdade Teológica Batista de Campinas, em 12 de abril de 2004

SUMÁRIO

NEOPENTECOSTALISMO 1 - UMA INTRODUÇÃO GERAL	3
NEOPENTECOSTALISMO 2 - A PRÁTICA HERMENÊUTICA.....	9
NEOPENTECOSTALISMO 3 - A CRISTOLOGIA NEOPENTECOSTAL	16
NEOPENTECOSTALISMO 4 - A ECLESIOLOGIA NEOPENTECOSTAL	23
NEOPENTECOSTALISMO 5 - A LITURGIA NEOPENTECOSTAL.....	30

NEOPENTECOSTALISMO I - UMA INTRODUÇÃO GERAL

Conferência teológica apresentada pelo Prof. Isaltino Gomes Coelho Filho à Faculdade Teológica Batista de Campinas, em 12 de abril de 2004

Esta série de preleções sobre o neopentecostalismo não será abordada por um ângulo sociológico. Reconheço o valor desta ciência, mas não sou sociólogo de religião. Serão reflexões pastorais. Não pretendo analisar o movimento à luz de perspectivas sociológicas e encaixá-lo dentro desta visão: “como afeta a sociedade”. Não sou melhor do que ninguém nem apresento isto com triunfo, mas meu enfoque será este: como o neopentecostalismo afeta a Igreja e o evangelho? Como afeta a pregação de Cristo crucificado, poder de Deus de para salvação de todo aquele que crê? Pode ser que, eventualmente, aspectos sociológicos apareçam no trabalho. Afinal, como não vivemos sem filosofar, porque somos entes pensantes, não vivemos sem sociologizar, porque somos entes gregários. Mas a questão é mais esta: como somos afetados, como entender e como reagir ao movimento neopentecostal nos aspectos que ele tem que nos são prejudiciais, porque ele traz alguns aspectos benéficos aos quais devemos atentar.

Devo começar, como parece sensato, por uma definição. Já dizia Sócrates: “Se queres conversar comigo, define teus conceitos”. O que é *neopentecostalismo*? Muitas respostas poderiam ser dadas, mas respondo com uma citação do trabalho “Pontos discutíveis do movimento neopentecostal”: *Neopentecostalismo: Movimento surgido em meados do século XX que enfatizava o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, dinamizando o método litúrgico e incluindo em sua teologia, doutrinas rejeitadas pela fé apostólica e ortodoxa*¹.

Há dois sérios problemas para a análise deste movimento. *O primeiro* é que vivemos numa época que os pensadores chamam de pós-modernidade, em que tudo é certo e nada é errado. Não se pode nem se deve criticar as idéias alheias, porque “verdade, cada um tem a sua”. Mas uma questão lógica salta aos olhos neste tipo de argumentação: se tudo é verdade, então nada é verdade. Porque argumentos e conceitos contraditórios não podem coexistir na mesma conceituação. *O segundo* é que o espírito pragmático de um mundo amoral e sem Deus invadiu as igrejas. Este espírito pragmático pode ser exposto assim, em poucas palavras: se alguma coisa deu certo, então é a verdade. Desta maneira, não pode ser questionada e deve ser adotada. Verdade passou a ser definida por funcionalidade. Com isto, neste espírito acrítico e copista, nossas igrejas estão adotando métodos e técnicas de lavagem cerebral, assumindo técnicas do movimento nova era bem como técnicas de despersonalização e manipulação, tudo em nome da eficácia. Temos sacrificado a verdade cristológica no altar dos resultados e temos trocado a verdade bíblica pelos ensopados de Jacó, que satisfazem nossa fome de resultados. Esquecemo-nos de que os ensopados preparados por Jacó trazem enorme frustração, depois. Os malefícios que isto nos trará ainda não podem ser mensurados, mas será um grande estrago no cristianismo. Um pouco menos de arroubo e de romantismo e uma visão crítica em vez de complacente nos fará bem. Já é possível notar que o movimento evangélico sério sofre as conseqüências do neopentecostalismo.

No Brasil, o movimento neopentecostal pode ser historicamente localizado a partir dos anos cinqüentas. É, na realidade, o segundo ciclo da expansão pentecostal no Brasil, e surgiu mais como um movimento do que como uma denominação estruturada. Exatamente por surgir como um movimento supradenominaçãoal, teve uma abrangência muito ampla, envolvendo, depois, várias denominações. Sigo, a partir daqui, a argumentação de Mendonça, em seu trabalho *O neopentecostalismo*². Ele lembra

¹ MARINHO, Wemerson: *Pontos Discutíveis do Movimento Neopentecostal*, trabalho que me veio às mãos, pela Internet. O autor é responsável por uma congregação da IPB em Ipatinga, MG, diretor da Revista Renascer, e atua num projeto evangelístico através do rádio que fala a 30 000 pessoas aproximadamente todos os dias.

² MENDONÇA, Antonio Gouveia. *O Neopentecostalismo*, excerto de *Estudos da Religião*, no. 9, sem dados.

que o pentecostalismo iniciado no Brasil, em seus dois ramos iniciais, a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil, nunca enfatizou a cura divina. Era um movimento de caráter mais espiritual, voltado para uma experiência do crente com o Espírito Santo do que centrado em curas e bênçãos materiais.

A questão mudou já nos anos sessentas. Isto porque, a partir dos anos cinqüentas, começou o processo de industrialização do Brasil e com este veio o inchaço das grandes cidades, por causa da migração campo-cidade e das regiões Norte e Nordeste para o Centro-Sul. Nesta ocasião, as favelas começaram a pipocar e os desajustes sociais se ampliaram. Pessoas ficaram desairragadas, sem raízes familiares, culturais e geográficas, formando uma massa humana não beneficiada pelo processo social. Ao mesmo tempo, estas massas marginalizadas pelo processo social tornaram-se campo fértil para a evangelização. A mobilidade geográfica quebra vínculos sociais e deixa a pessoa sem referenciais seguros. Ela busca por referenciais e os do evangelho, que são os melhores, podem lhe ser apresentados. Em 1953, Harold Williams, americano, iniciou no Brasil as atividades da Igreja do Evangelho Quadrangular, auxiliado pelo pregador da cura divina Raymond Boatright, depois de terem efetuado intensa campanha de evangelização em tendas de lona, sob o nome, bastante amplo, de Cruzada Nacional de Evangelização. Este movimento se iniciou em S. Paulo e teve grande dimensão, alcançando todas as denominações. Seu período áureo foi de 1953 a 1960. A partir daqui surgiu, no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular (*International Church of the Four Square Gospel*). Cito, então, literalmente, Mendonça: “Pode-se dizer que a Igreja do Evangelho Quadrangular, embora tipicamente pentecostal, inseriu nos fundamentos teológicos a chave do neopentecostalismo. Seus quatro fundamentos são: salvação da alma, batismo com o Espírito Santo, cura divina e segunda vinda de Cristo”³. Estes fundamentos são, também, pentecostais, mas deram suporte ao neopentecostalismo, que se desviou do pentecostalismo tradicional. Eram a essência da mensagem do grupo que gerou o neopentecostalismo, mas não se parou aí.

Quero deixar claro, no entanto, que entendo que este foi o estuário por onde o neopentecostalismo correu, mas não o seu berço. Suas raízes não são sociológicas, mas teológicas. Citei Mendonça, que milita no campo sociológico, mas tomei seu aspecto histórico. Reconhecer o rio por onde idéias correram com mais facilidade não é a mesma coisa que dizer que estas idéias nasceram naquele rio. Como pretendo mostrar na palestra seguinte, os fundamentos são teológicos e não podem ser reduzidos à questão sócio-econômica. Assim fosse, não haveria neopentecostalismo em comunidades ricas e economicamente seguras.

Segundo Júlio Rosa, citado por Mendonça no artigo ora comentado, “o ministério e os pregadores da Igreja no Brasil distorceram e desequilibraram os fundamentos doutrinários da Igreja ao darem excessivo valor à cura divina e à expulsão de demônios”⁴. A fundamentação teológica foi colocada em Hebreus 13.8: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre” (Hb 13.8). Desta maneira, os milagres devem ter continuidade e forte presença na vida das igrejas nos dias de hoje. Embora com uma exegese de resultados discutíveis, porque fragmentária e calcada em apenas uma frase, até então os fundamentos eram bíblicos e neotestamentários. Mas partiu-se para uma busca de sinais e prodígios, enfatizando-os acima do conhecimento do evangelho e da pessoa de Cristo. Aliás, esta é uma marca muito forte do neopentecostalismo, a prevalência de sinais sobre a essência. Há pouco, uma igreja neopentecostal (talvez já baixo-pentecostal) anunciava a presença, em seu púlpito, de um rabino judeu. O que um rabino tem a dizer a uma comunidade de cristãos? Que há nele que justifique ocupar o púlpito de uma igreja cristã? É que ele ia dar o testemunho, um pouco duvidoso, de que havia morrido e ressuscitado. Com um sinal desta magnitude, não importava que negasse que Jesus fosse o Filho de Deus. Sinais portentosos prevalecem sobre o conteúdo do evangelho, no neopentecostalismo. Jesus é menos importante que sinais. Lembro-me, aqui, das palavras de Paulo, em 1Coríntios 1.22-23: “Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos

³ Ib. ibidem, p. 155.

⁴ Ib. ibidem, p. 155.

procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios”. A curiosidade e a extravagância tomaram lugar de Cristo na pregação. Cristo, na realidade, não é importante, mas os sinais, sim. Inclusive, vi, em Niterói, uma Igreja chamada “Igreja dos Sinais e Prodígios”. Sinais e prodígios se tornam a força motriz do neopentecostalismo. Ele é, também, produto da reação do irracionalismo (o termo aqui é com denotação e conotação filosóficas) diante de uma sociedade tecnológica. O evangelho se tornou algo inexplicável, algo que não se pode entender, superior à técnica, e quem o domina tem um segredo que os técnicos não possuem. Numa sociedade marginalizada e na qual as pessoas, muitas vezes, não conseguem verbalizar o que vivem, o irracionalismo religioso é uma grande fuga. As pessoas podem não entender como o mundo funciona, mas são detentoras de um poder que as pessoas esclarecidas não possuem. Neste sentido, o neopentecostalismo também apela para o irracionalismo filosófico, e seus pregadores desdenham dos pregadores bem preparados. Estes conhecem palavras humanas. Aqueles conhecem o poder de Deus. E lá vem outra exegese daquelas de arrepiar: “A letra mata e o Espírito vivifica”. É uma apologia do obscurantismo e, ao mesmo tempo, uma forma de se colocar acima da crítica. Não se consegue dialogar com o neopentecostal. Ele conhece Deus e o evangélico tradicional conhece apenas a letra morta da Bíblia (que blasfêmia chamar a Bíblia de “letra morta”!). Não há como contestar uma pessoa que diz que, enquanto está tirando a barba, Jesus vem ao seu encontro, no banheiro, abraça-a e lhe dá um esboço de sermão.

Se este é o aspecto teológico, produto do movimento que produziu, no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular, o aspecto litúrgico do neopentecostalismo remonta a Raymond Boatright, que introduziu no culto instrumentos musicais que só se empregavam em *shows*, como guitarras elétricas e instrumentos de sopro, bem como o cântico de corinhos no estilo *country*. Surgiram os cultos carregados de intensa emoção, e sob som em alto volume. O aspecto de festa e liberação das emoções começou a se rotinizar. Os ingredientes estavam postos: sinais, milagres, prodígios e emoções afloradas, bem como a rejeição de qualquer teologia que pudesse analisar o movimento. Este estava acima da crítica e do questionamento. Com isto, a arrogância logo chegou.

O movimento que gerou o neopentecostalismo acabou produzindo algumas denominações, como O Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. Estas são os maiores representantes do neopentecostalismo no Brasil. Além delas surgiram centenas de igrejas locais desvinculadas de grandes estruturas, formando o que se chama de “pentecostalismo autônomo”. Geralmente estas igrejas existem sem uma doutrina global, sem uma teologia sistematizada, e orbitando sempre ao redor dos ensinamentos de um líder centralizador, que é inquestionável, um “déspota esclarecido” teológico. Assim, sem um sistema teológico completo e com doutrinas e práticas que são produto de uma exegese fragmentária, de uma leitura bíblica, no dizer de Martin-Achard, “atomizada”, onde inexistente o relacionamento da passagem com o todo, surgiu um movimento com ensinamentos e práticas as mais esdrúxulas possíveis. Já é possível se falar em baixo-pentecostalismo, um tipo de neopentecostalismo onde as linhas entre baixo-espiritismo e neopentecostalismo foram apagadas.

O neopentecostalismo está bem distante do pentecostalismo, embora este tenha sido contaminado por aquele. Mas os berços paradigmáticos de um e de outro são os mesmos. Sua ênfase teológica não é mais cristológica e sim pneumatológica. Ou seja, eles dão mais ênfase ao Espírito Santo do que a Cristo. Uma situação emblemática disto se vê na logomarca da Igreja Universal do Reino de Deus. Seu símbolo não é a cruz, indicando a centralidade da pessoa de Jesus Cristo, mas sim uma pomba, indicando a primazia do Espírito Santo. Isto se percebe também numa declaração que ouvi de um pregador neopentecostal, pelo rádio, em Manaus: “Cristo é o canal para nos trazer o Espírito Santo”. Sempre se afirmou, e é ensino bíblico, que é o Espírito Santo quem nos conduz a Cristo e que desvende a pessoa de Cristo ao fiel. O Senhor da Igreja é a segunda pessoa da Trindade. Pelo menos, ele disse “edificarei a minha Igreja”. Mas agora o Espírito Santo se tornou o personagem central, e Cristo, apenas um canal, um meio, para nos trazê-lo. É óbvio que não estou defendendo um hierarquismo teológico, mas ressaltando

que há este hierarquismo no neopentecostalismo. E aqui reside um perigo gravíssimo, pois o Maligno se aproveitará desta circunstância: o de banir a cruz da vida da Igreja. Sem a cruz a Igreja é uma comunidade como outra qualquer.

O grande problema aqui é que o Espírito Santo, via de regra, é identificado com a voz do dono do movimento. Sobre isto falarei um pouco mais à frente, quando abordar a questão hermenêutica. Por ora, deixemos a questão registrada, mas em suspenso. Mas isto legitima o senhorio de uma pessoa sobre toda uma comunidade. E possibilita o surgimento de doutrinas pouco sensatas, quando não antibíblicas. Porque alguns desses grupos têm se afastado do ensino de que as Escrituras são a normativa. A normativa é a palavra do líder do grupo.

O movimento neopentecostal derrubou um antigo axioma sociológico. Alegando que o mágico não forma em torno de si uma comunidade, mas apenas uma clientela, Émile Durkheim alegou em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, que não há igreja mágica. Mas o neopentecostalismo, posterior a Durkheim, trabalha muito com o conceito de igrejas mágicas. As igrejas neopentecostais, e a IURD é o maior exemplo, não são compostas de pessoas envolvidas em uma *koinonia* cristã. A maior parte não se conhece. Não há um projeto eclesialístico comum aos frequentadores, que são apenas pessoas clientes, que buscam uma resposta mágica para seus problemas. Muitas dessas igrejas parecem mais com uma estação rodoviária, um lugar por onde as pessoas passam em busca de uma solução para algum problema, do que uma comunidade de fé, com um pecúlio espiritual comum aos seus membros. Algumas delas nem rol de membros possuem. Isto é muito perigoso porque produz uma legião de pessoas que, teoricamente, são cristãs por estarem ligadas a uma igreja chamada cristã, mas que desconhecem os fundamentos básicos do cristianismo, inclusive a solidariedade, a irmandade em Cristo. É cada um por si, cada um para resolver seu problema e cuidar de sua vida. Isto produz um cristianismo mesquinho, de cristãos isolacionistas.

Mendonça, no trabalho já citado, lembra ainda que “os mágicos são agentes autônomos que independem (...) de sanções institucionais”⁵. Sendo o mágico um elemento solitário, isto explica a proliferação de igrejas e tendas de magia. Qualquer pessoa pode abrir uma, dizendo-se inspirado por Deus. Essas igrejas ou tendas são controladas por pessoas ou por grupos sem dever para com os clientes, a não ser passar-lhes um produto. Normalmente sob contribuição financeira. E os clientes não têm acesso às instâncias de poder da tenda. São usuários sem os direitos do consumidor e sem um Procon ao qual se dirigir. Consomem o produto, mas não têm poder de ingerir no sistema. Por isto o neopentecostalismo, via de regra, é eclesiologicamente autoritário. Quando alguém fura o bloqueio, discordando das instâncias do poder, produz um racha e sai, criando outra Igreja. Ele é tendente à fragmentação.

Isto explica porque o sistema eclesiológico congregacional não é o melhor para o neopentecostalismo e porque um pastor batista que descambe para o neopentecostalismo deixa o sistema. Ele não pode ser questionado. Num ambiente congregacional, como o nosso, ele o será. Um pastor batista que adota procedimentos neopentecostais, se não deixa a Igreja, trabalha longamente para mudar seus estatutos e dominá-la sem óbices. O neopentecostalismo favorece a ditadura eclesialística. E surge com traumas e atos pouco transparentes, em igrejas tradicionais.

Isto explica também, em termos de conteúdo da pregação, porque o neopentecostalismo que teve como suporte teológico o texto de Hebreus 13.8 tenha a maior parte de suas pregações no Antigo Testamento. O Novo Testamento socializa a liderança, com a doutrina do sacerdócio universal de todos os salvos, herança protestante assumida pelos evangélicos de teologia conservadora. O Antigo Testamento elitiza a liderança, colocando-a nas mãos de um sacerdote ou profeta, vozes detentoras de uma autoridade que não pode ser questionada. Isto será mais abordado na questão da hermenêutica neopentecostal, mas desde agora devemos ressaltar isto. O neopentecostalismo se vale, para difundir seus conceitos, de uma

⁵ Ib. *ibidem*, p. 158.

massiva pregação no Antigo Testamento, descontextualizada do Novo, e enfatizando mais sinais e maravilhas do que conteúdo teológico. Uma das conseqüências desta atitude é a rejeição do evangelho, com a presença em nossos cultos de símbolos judaicos e a observação por cristãos de festas judaicas, com o abandono de símbolos e festas cristãs. O natal, por exemplo, é dado como festa pagã, e a festa dos tabernáculos passa a ser vista como festa cristã. A *menorah* e a estrela de Davi tomam o lugar da cruz, mostrado como símbolo da idolatria. E a estrela de Davi, que não era de Davi, mas um símbolo da Cabala e também da nova era, passa a ocupar lugar de destaque em nossas igrejas. Um dos mais sérios problemas do neopentecostalismo é seu namoro, até escandaloso, com o paganismo. As idéias de Keneth Hagin, por exemplo, foram decalcadas das seitas metafísicas de Boston, como bem o demonstrou Alan Pierat, em *O Evangelho da Prosperidade*⁶. E são pregadas como revelações de Deus. Hagin mentiu, quando negou que assim tivesse feito, mas confrontado com as muitas semelhanças acabou reconhecendo que copiou idéias pagãs. Mas continua a apresentá-las como revelação, tanto ele como seus discípulos, entre elas Valnice Coelho.

Como conseqüência desta situação, um dos maiores problemas do neopentecostalismo é de ordem cristológica: o que fazer com a pessoa de Cristo. No princípio, o neopentecostalismo tinha um brilho cristológico, mas isto trazia um problema, o crivo do Novo Testamento, revelação cabal, final e autoritativa de Deus, padrão para se interpretar o Antigo, tendo Cristo como o cânon dentro do cânon, como enfatizaram os primeiros teólogos protestantes. Porque na teologia conservadora (e conservadora aqui significa sadia) Cristo é o padrão para se interpretar toda a Bíblia. Refugiando-se no Antigo Testamento, alegando ser um profeta com revelações que lhe vieram diretamente de Deus, o pastor neopentecostal se coloca acima de qualquer crítica e acima do exame dos fiéis e dos concorrentes. Com isto, a pessoa de Jesus se esmaece no neopentecostalismo. Não há como negar. Temos uma incongruência no cenário evangélico contemporâneo, produto da influência neopentecostal: um Cristo fraco e demônios fortes. Cristo salva, mas não tem poder para encher a vida da pessoa. Cristo salva, mas a pessoa não se torna sua morada e continua sendo possessa de demônios. Cristo salva, mas não tem poder para quebrar maldições na vida da pessoa. O Cristo que era um taumaturgo, no início do neopentecostalismo, hoje é figura decorativa, e foi substituído por Abraão e Gideão, nas pregações. Estes são mais convenientes.

Uma evidência disto que agora comento: numa ocasião, procurei um livro sobre Cristologia, em livrarias evangélicas. Não encontrei um, sequer. Mas, que contradição, encontrei dezenas sobre demônios, batalha espiritual, guerra com entidades malignas, maldições satânicas, etc. O neopentecostalismo tem deixado, para usar a engraçada linguagem de alguns políticos, uma herança maldita, que faz parte de sua prática doutrinária e litúrgica: uma desmesurada fixação em demônios e um enfoque errado, quando não desinteresse pela pessoa de Jesus Cristo. Isto trará sérias e funestas conseqüências para o futuro do evangelho. A crítica da teologia conservadora (e a minha é assim) não é a de luta por espaço. Sempre haverá espaço para quem queira pregar o evangelho antigo. É por antever um futuro problemático com o surgimento de milhares de cristãos e de centenas de igrejas que nada sabem sobre Cristo, que nada pregam sobre Cristo e nada ouvem sobre Cristo. Um cristianismo repleto de superstições e práticas estranhas, onde Cristo não é a figura central, mas periférica. A cruz, a ressurreição de Jesus e a vida eterna com ele são esmaecidas com a ênfase no aqui e agora. Temos já visto um cristianismo hedonista, materialista, que mensura a fé pelo ter coisas, e não pelo ser alguém. A espiritualidade da pessoa e a ação de Deus em sua vida passam a ser vistas pela posse de bens e pelo estado físico, não pelo caráter nem pelo testemunho do Espírito junto ao nosso espírito de que somos filhos de Deus por adoção. Bens estão valendo mais que caráter, neste tipo de pregação.

Com isto, caminho para o fim da primeira palestra. O neopentecostalismo, apesar de sua força, de seu dinamismo e da admiração que lhe nutrem certos setores nossos, mais voltados para o bom sucesso dos resultados do que para a ortodoxia, é um grande malefício para as igrejas. Isto digo com o respeito que

⁶ PIERATT, Alan. *O Evangelho da Prosperidade*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p. 31

os irmãos na fé que neste grupo se abrigam merecem. Mas minha consciência de profeta não me permite fazer concessões para agradar. Meu compromisso é com Cristo e com os valores do seu reino. Respeito as pessoas, mas tenho restrições bem sérias ao movimento. A maior delas é que o seu Cristo é uma pálida caricatura do Cristo neotestamentário, como se vê por sua ausência nas mensagens televisivas da IURD. Uma outra é que sua falta de referenciais teológicos produz cada vez mais fragmentação, sempre com um ramo, o que surge, apresentando um evangelho mais descorado. Porque quando se vive de emoções, nunca se está satisfeito. O emocional não se satisfaz com o cognitivo e carece de mais experiências, que devem ser mais fortes. As emoções acabam sendo o referencial do crescimento espiritual. A razão é um dom de Deus. Ele no-la deu somente a nós, humanos. Não devemos abdicar dela. Uma terceira restrição é que a exegese bíblica, para subsidiar práticas, se torna mais cada vez mais estrambótica. A soma de tudo isto significa que teremos grandes dificuldades com esta massa de cristãos sem Cristo, ou com um Cristo distorcido, no futuro. O neopentecostalismo deixará sérias conseqüências, no futuro da teologia e da própria fé cristã.

NEOPENTECOSTALISMO 2 - A PRÁXIS HERMENÊUTICA

Conferência teológica preparada pelo Prof. Isaltino Gomes Coelho Filho para a Faculdade Teológica Batista de Campinas, 13 de abril de 2004

Na primeira palestra procurei registrar como aconteceu o surgimento do neopentecostalismo e aponte algumas de suas características. Foi uma palavra de introdução geral. Sem receio de manifestar minha opinião, declarei minhas reservas, que não são poucas, ao movimento. Nesta segunda palestra quero dedicar um pouco de espaço à sua práxis hermenêutica. Esta questão é fundamental porque precisamos, para podermos argumentar teologicamente, ter uma base comum. Para os cristãos, esta base comum sempre foi a Bíblia. A postura teológica dos cristãos de teologia sadia sempre foi a de recitar que “a Bíblia é a Palavra de Deus”. É por aqui que caminharemos, hoje, no entendimento do que seja a fonte de autoridade no cristianismo, vendo o desvio hermenêutico do neopentecostalismo.

Cito o trabalho *Pontos Discutíveis do Movimento Neopentecostal*, a propósito desta linha da presente palestra, para iniciar minha argumentação:

“O movimento neopentecostal cresce muito atualmente, mas este crescimento não nos impede de questioná-lo. Afinal, não somos vítimas do pragmatismo carismático que pensa que, se algo deu certo, só pode ser bom e verdadeiro. A nossa base de julgamento é a Palavra, nossa regra de fé e prática.”⁷

Fujamos da validação ou contestação de um movimento à luz de seus resultados. A validação ou contestação teológica de qualquer prática deve ser sempre à luz das Escrituras, a Bíblia Sagrada, que reputamos por Palavra de Deus. Nós a temos como normativa e não podemos nos esquivar a isto. Lembremos que o enfrentamento de Lutero à Igreja Católica foi com o uso das Escrituras. São conhecidas as suas palavras de rompimento com o catolicismo, e cabem elas aqui, a propósito da nossa linha de argumentação:

A menos de ficar convencido pelo testemunho da Escritura e por razões evidentes – pois não acredito nem na infalibilidade do papa nem na dos concílios (é sabido que eles muitas vezes se enganaram e se contradisseram), - estou ligado pelos textos bíblicos que trouxe comigo e minha consciência é prisioneira da Palavra de Deus. Não posso nem quero retratar coisa alguma, pois não é nem seguro nem salutar agir contra a própria consciência. Que Deus venha em meu auxílio! Amém!⁸

Lutero, na defesa de suas posições teológicas, escorou-se nas Escrituras Sagradas, rejeitando o Magistério e a Tradição. Estou me reportando ao episódio de Lutero pelo que ele significou em termos de Teologia e de Hermenêutica para o cristianismo. O eixo hermenêutico da Igreja Católica sempre foi sua crença de que ela é a única intérprete autorizada das Escrituras. E isto por uma razão muito simples. Ela produziu as Escrituras, vendo-se como a Igreja Primitiva. Por isto possuía autoridade sobre elas, as Escrituras. Ao optar pelo cânon de Alexandria e acrescentar à Bíblia os livros deuterocanônicos, no Concílio de Trento, em 1546, a Igreja o fez com base nos seus pressupostos teológicos e hermenêuticos. Ela entendia e ainda entende que produziu as Escrituras, ela entendia e ainda entende que continuava produzindo documentos sagrados, e entendia e ainda entende que tinha e tem autoridade sobre a

⁷ MARINHO, Wemerson: *Pontos Discutíveis do Movimento Neopentecostal*, trabalho que me veio às mãos, pela Internet. O autor é responsável por uma congregação da IPB em Ipatinga, MG, diretor da Revista Renascer, e atua num projeto evangelístico através do rádio que fala a 30 000 pessoas aproximadamente todos os dias.

⁸ BOISSET, Jean. *História do Protestantismo*. S. Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, p. 26.

Revelação. Podia perfeitamente acrescentar livros às Escrituras. Ela entende que é o canal de Revelação atual. A Bíblia e o Magistério da Igreja (seu corpo teológico e sua produção) nivelam-se, em matéria de autoridade, à Bíblia. Em oposição a esta compreensão, um dos lemas da Reforma foi *Sola Scriptura* (“Só a Escritura”), com a rejeição do Magistério da Igreja. Com este lema e esta atitude, Lutero tirou o foco de autoridade da Igreja e o colocou na Bíblia. Esta mudança de foco foi uma das grandes contribuições da Reforma para o cristianismo. A postura protestante e evangélica não é que a Igreja produziu as Escrituras, mas sim que as Escrituras produziram a Igreja. Esta deve subordinar-se àquela. Nós nos subordinamos à Bíblia.

Quando disse que não analisaria o movimento neopentecostal por um ângulo sociológico foi por entendê-lo como sendo um fenômeno fundamentalmente teológico. As tentativas de tudo explicar pela Sociologia me parece uma herança marxista. Os intelectuais brasileiros, inclusive os evangélicos, parecem não saber o que fazer com o cadáver insepulto de Marx. Os intelectuais evangélico, em particular, lembram-me Amazias, que derrotou os edomitas, e assumiu os deuses deles como os seus. Alguns não gostarão disto que eu disse, mas sentir-me-ei como o profeta anônimo, registrado em 2Crônicas 25.15: “Então a ira do SENHOR acendeu-se contra Amazias, e ele lhe enviou um profeta, que disse ao rei: “Por que você consulta os deuses desse povo, deuses que nem o seu povo puderam salvar?”. Aliás, *en passant*, impressiona-me ver como há gente que alega ter uma teologia sadia adotar “deuses” como Nietzsche, Freud, Marx, Piaget, etc. A desculpa empregada em todos os casos é sempre é a mesma: “Examinai tudo e retende o que é bom”. A mim parece-me falta de uma cosmovisão. Quando há uma cosmovisão, como Paulo pretendia que houvesse, nesta sua palavra para tudo examinarmos, há uma análise crítica pela perspectiva da Bíblia, e não uma tentativa de amoldar o evangelho à cultura humana. Nossa cosmovisão deve ser bíblica. À luz dela devemos analisar todas as propostas e tendências evangélicas, e não à luz de qualquer ciência nem à luz de seus resultados. Não podemos analisar a Bíblia à luz dos conhecimentos humanos, mas sim proceder de maneira oposta. A Bíblia examina tudo.

Voltemos ao neopentecostalismo. Considero-o como sendo um fenômeno teológico, mais que sociológico. Citei as massas marginalizadas como tendo sido o bolsão onde o neopentecostalismo vicejou, mas no fundo ele é o resultado de uma mudança de paradigma hermenêutico. Houvesse o bolsão social, mas não houvesse o novo paradigma hermenêutico, o neopentecostalismo não surgiria. Nele, este paradigma não é mais escriturístico, nem mesmo cristológico. Nosso entendimento, como cristãos conservadores, é que o eixo hermenêutico-teológico deve ser escriturístico e cristológico. Ou seja, centra-se nas Escrituras e tem Cristo como o cânon dentro do cânon, sendo ele, Cristo, o padrão para tudo aferir. O neopentecostalismo tem um eixo hermenêutico pneumatológico. Não é a mesma coisa. É uma diferença radical, que transforma, e para pior, toda a perspectiva teológica. Este novo eixo supera os aspectos denominacional e institucional. Por isto, o neopentecostalismo é supradenominacional. E extremamente personalista, com feudos eclesiásticos.

No trabalho *O Pentecostalismo e o Pensamento Teológico Atual*⁹, Antonio Carlos de Melo Magalhães remete seus leitores ao início da mudança do axioma cristológico para o pneumatológico. No início, quando de seu surgimento histórico, os grupos carismáticos tiveram grande dificuldade em serem reconhecidos. Na realidade, foram até mesmo combatidos. Magalhães lembra Müntzer e os anabatistas, que além de Cristo incluíam a atuação livre do Espírito Santo, manifestando-se este através de sonhos e da luz interior (ou convicção anterior), como ele menciona. Esta atuação livre do Espírito nivelava-se, em autoridade, às Escrituras. Tanto a Igreja Católica como Lutero se opuseram fortemente a esta posição. Cito Magalhães, literalmente: “Thomas Müntzer, ao defender uma experiência com Deus sem mediação,

⁹ MAGALHÃES, Antonio de Carlos Melo, *in Estudos de Religião*, vol. 15, Universidade Metodista de S. Paulo, p. 68

exceto a ação do Espírito, relativizava os dois pilares da teologia ocidental: o magistério eclesiástico e o magistério acadêmico, ambos presos pela fixação da palavra escrita”¹⁰.

Os magistérios eclesiástico e acadêmico podem aprisionar as Escrituras, sabemos bem disto. Isto acontece quando a tradição se sobrepõe à Bíblia. Mas livrar-se deles é bastante problemático. Há uma dificuldade muito grande em colocar no homem, sem uma fonte externa, a fonte de autoridade religiosa. Cito, a propósito, um evento mais próximo de nós, o que foi gerado por Jim Jones, que redundou num massacre de quase mil fiéis, na Guiana, com um suicídio coletivo e a morte dos que se recusaram a optar pelo suicídio. Remeto-os ao livro *O Culto do Suicídio*, onde encontrarão mais detalhes. Mas Jim Jones liderou um grupo de fiéis, tudo com base na iluminação interior, ou convicção interior, ou voz do Espírito Santo, como quer que lhe chamem, a uma comunidade que fundou na Guiana. Narrando os bastidores do seu movimento, os autores trazem esta expressão, em sua obra: “Pegava da Bíblia, a que chamava ‘o livro preto’ e lançava-o ao chão, dizendo: Tem gente demais olhando para isso em vez de olhar para mim”¹¹.

Não estou a dizer que todo pregador carismático neopentecostal é um Jim Jones em potencial, mas mostrando como o abandono de uma fonte de autoridade exterior ao homem pode trazer sérios prejuízos. Na realidade, esta atitude me parece emblemática: afirmar-se outro eixo hermenêutico que não seja a Bíblia é descartar-se dela. Não necessariamente jogá-la no chão, mas descartar-se de sua autoridade e de seu peso. Isto é uma aventura teológica muito arriscada. E as conseqüências, assim nos mostra a história, têm sido funestas.

Magalhães nos recorda, também, o pietismo, principalmente como foi defendido por Jacob Spener. Sua preocupação era tornar vivo o texto e estabelecer o centro da reflexão teológica na experiência. No pietismo, o Espírito era a base de autoridade religiosa.

O neopentecostalismo é herdeiro e continuador desta tradição pneumatológica de origem pietista. Isto é inegável. Mas o grande problema, assumindo-se esta postura, é este: onde está a voz do Espírito? Ou, em outras palavras, por quem, exatamente, ele fala? Geralmente, a voz do Espírito está com o fundador ou dono da seita. Se o eixo hermenêutico são as Escrituras, não há muito problema. Bem nos diz Hebreus 1.1-2: “Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo”. A Bíblia é a Palavra de Deus, Palavra do Pai. Lemos, ainda, em 2Pedro 1.20-21: “Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo”. Um ortodoxo ou conservador dirá que o eixo é a Bíblia, e lembrará, na argumentação, que ela tem o Espírito Santo como autor último. Mas quando as pessoas dizem que o Espírito fala através delas, e que suas palavras são revelação, como proceder?

A leitura bíblica neopentecostal é atomizada, expressão que devemos a Martin-Achard. Além de atomizada, isto é, fragmentária, de versículos isolados, é desaculturada, desairragada de seu contexto e usada alegoricamente. Usa-se a Bíblia, mas seu uso é problemático. No neopentecostalismo, ela não é normativa, mas indicativa. Em outras palavras, ela não é a norma de fé e prática, mas apenas subsidia as práticas do grupo. Seu uso é mais como pretexto que como texto que afirma a fé. Campos nos diz, em obra sua sobre o neopentecostalismo:

A Bíblia é muito mais um depósito de símbolos, alegorias e de cenas dramáticas ou até um amuleto para exorcizar demônios e curar enfermos do que a “palavra

¹⁰ Ib. ibidem, p. 69.

¹¹ KILDUFF, Marshall e JAVERS, Ron. *O Culto do Suicídio – O Massacre da Guiana e a História Secreta da Seita do Templo do Povo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 27.

de Deus”, encarada por outros grupos protestantes como “*regra única* de fé e prática”, e para os fundamentalistas, “*a regra infalível*”.¹²

Cito, a propósito desta prática neopentecostal, um documento da Igreja Presbiteriana do Brasil, em análise sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, a mais expressiva, ou pelo menos, a mais visível igreja neopentecostal. Diz o documento:

Assim, a repetição ou re-encenação de episódios e eventos bíblicos é utilizada como ferramenta hermenêutica, que lhes permite usar as Escrituras como base da sua prática. Nesta tentativa de repetir os episódios bíblicos, existe uma grande dose de alegorização dos textos bíblicos, e total desrespeito pelo contexto histórico dos mesmos, bem como a falta de distinção entre o que é descritivo na Bíblia, e o que é normativo para as experiências dos cristãos. Por exemplo, assim como Noé fez uma aliança com Deus, podemos nós também fazê-la. Assim como Josué cercou as muralhas de Jericó e ao som das trombetas elas caíram, assim podemos “cercar” as muralhas das dificuldades e problemas e derrubá-las em nome de Jesus (usando uma trombeta de plástico e uma muralha de isopor). A vara que Moisés usou, o cajado de Jacó, os aventais de Paulo — todas estas coisas, e muitas outras tiradas das histórias bíblicas, se tornam tipos da utilização de apetrechos semelhantes, aos quais é atribuído (apesar de negações em contrário) algum valor espiritual na resolução dos problemas.¹³

Há mais uma questão a observar neste aspecto hermenêutico. Trata-se da incapacidade (ou facilidade com aceitam isto) dos neopentecostais de distinguirem entre o *ruah* do Senhor e a *psiquê* humana. Entre o Espírito de Deus e seus próprios pensamentos. Acreditando que Deus se revela no íntimo (“Deus me falou”), o neopentecostal, até propositalmente, entende sua vontade pessoal com a vontade de Deus. Minha dissertação de mestrado teve como título *Os Sofrimentos do Messias e Sua Aplicação Para Nosso Tempo – Uma Avaliação da Teologia da Prosperidade*. Para sua confecção precisei ler dez dos livros de Keneth Hagin, pai da teologia da prosperidade. À página 118 fiz esta observação:

¹² CAMPOS, Leonildo. *Teatro, Templo e Mercado*. Petrópolis: Vozes; S. Paulo: Simpósio Editora; S. Bernardo do Campo: Umesp, 1999, p. 82.

¹³ Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil. *Igreja Universal do Reino de Deus – Sua Teologia e Sua Prática*. S. Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997, p. 28

Outro problema em Hagin: como boa parte dos carismáticos, ele confunde intuição com revelação. “Captei um vislumbre” (que é algo que acontece com todos, enquanto pensam em algo) se torna “esta revelação”. A subjetividade humana se torna a objetividade de Deus. Mas seu problema básico é desviar-se da autoridade normativa das Escrituras e colocar-se como o padrão aferidor dela¹⁴.

Na realidade, no neopentecostalismo, a palavra do fundador ou proprietário da seita supera o valor da Escritura. E exatamente por se desviar do eixo das Escrituras, há uma tendência muito grande ao exótico e ao estrambótico. Num livro seu sobre predestinação, um pastor deste movimento analisava a palavra que Deus dirigiu a Jó: “Talvez você conheça, pois você já tinha nascido! Você já viveu tantos anos!” (Jó 38.21). Deus está fazendo perguntas a Jó sobre a criação. O estilo é poético. A poesia não é literatura linear, objetiva. Sua linguagem é conotativa e não denotativa. Quem tenha feito Exegese de Antigo Testamento na Faculdade Teológica Batista de Campinas deve ter ouvido o professor falar dos diferentes estilos literários na Bíblia e como analisar cada um. O escritor neopentecostal aqui citado lê e interpreta poesia como se esta fosse dissertação e desta maneira conclui que todos nós já existimos antes, defendendo a idéia da preexistência de todos os homens. Isto está mais para reencarnação do que para a preexistência das almas de Platão. Um versículo isolado, numa leitura atomizada, desprezando o mais rudimentar conhecimento hermenêutico, lega uma doutrina (porque a palavra dos donos das seitas é incontestável) aos seus seguidores. Tudo isto por se ignorar princípios hermenêuticos rudimentares e principalmente a regra fundamental, de que a Bíblia interpreta a própria Bíblia. Não há nada mais que comprove tal teoria, mas a leitura fragmentária aliada ao aqodamento próprio de quem precisa de notoriedade produz esta aberração doutrinária.

Em conexão com isto, volto ao trabalho de Wemerson Marinho, ao falar ele sobre a autoridade das Escrituras:

Os neopentecostais afirmam que a Bíblia é a Palavra de Deus e, com isto, nós concordamos. Mas para eles, a palavra dos "profetas", dos visionários, também é a Palavra de Deus. E, por isto, baseiam suas vidas e suas doutrinas também em visões, "novas revelações" e em experiências místicas.¹⁵

Por mais paradoxal que pareça ser, para os neopentecostais, a Bíblia é a Palavra de Deus, mas não é fonte de autoridade. Esta reside no indivíduo, não no indivíduo em geral, mas nos líderes do movimento. Veja-se esta palavra de John Wimber:

Algumas verdades da Bíblia só podemos compreender depois de certas experiências. Comprovei isto em minha própria experiência. Quando eu não tinha sido curado, não podia entender muitas passagens da Bíblia sobre cura, como agora. Desta maneira, Deus usa nossas experiências para nos dar uma melhor compreensão do que as Escrituras ensinam¹⁶.

É a experiência que interpreta a Bíblia, nesta visão neopentecostal. A interpretação é privada e individual. O sentido deixa de ser o que é e passa a ser o que pessoa quer que seja. Veja-se esta citação do livro *The Holy Spirit and You*:

¹⁴ Esta observação de Hagin se encontra em seu livro *O Nome de Jesus*, Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1988, p. 32.

¹⁵ MARINHO, op. cit.

¹⁶ BÜHNE, Wolfgang. *Explosión Carismática*. Terrasa (Espanha): CLIE, 1996, p. 27.

Dedica parte do teu tempo em ler a Bíblia e espera que o Espírito te fale de dentro de suas páginas. Quando tiveres feito isto, prepara-te para um compreensão surpreendente e interpretações inesperadas! O Espírito Santo pode usar as Escrituras de forma muito livre e alegórica quando lhe apraz. Pode ser que veja um detalhe da descrição do templo de Jerusalém ou um detalhes em um ponto inesperado em uma lista de nomes e de repente tragam para ti um significado espiritual¹⁷.

Cito, ainda, Paulo Anglada, ilustre pastor presbiteriano. Ele alista as correntes espiritualistas de interpretação das Escrituras e entre elas a que denomina de “Hermenêutica Intuitiva”. Diz ele:

Os defensores da interpretação intuitiva ou devocional, também chamados de impressionistas, identificam a mensagem do texto com os pensamentos que lhes vêm à mente ao lê-lo aqui podem ser incluídos também os místicos, tais como os assim chamados reformadores radicais, com sua ênfase na iluminação interior. Uma versão moderna do método de interpretação intuitiva pode ser verificada na prática de abrir as Escrituras ao acaso para pregar, ou encontrar uma mensagem para uma ocasião específica, sem o devido estudo do texto e consideração do contexto¹⁸.

Vê-se que é não mais o que o texto diz, mas o que intérprete quer que o texto diga. O leitor é o eixo hermenêutico. Esta postura é perigosa. As pessoas vêem o que querem na Bíblia e usam-na como se fosse um jogo de runas, ou um horóscopo bíblico, onde sacam o que lhes interessa.

Todos os grupos evangélicos declaram que a Bíblia é a Palavra de Deus. Nunca vi um grupo que negue isto. O problema é a colocação, lado a lado, de outras fontes de autoridade, como Marinho cita aqui. Não podemos colocar nada ao lado das Escrituras nem subordinar as Escrituras a visões e revelações. A finalidade do padrão hermenêutico é zelar pela certeza do estudo ou da doutrina. Sem um padrão correto corre-se o risco de desvio. Diante do movimento neopentecostal é necessário afirmar-se isto, com firmeza e sem titubeios: *a autoridade em matéria de doutrina, práticas e posições é a Bíblia, Palavra de Deus infalível*. O desprezo que estes líderes nutrem para com a Hermenêutica faz parte de uma estratégia. Tais pessoas não querem ser limitadas. Elas têm um projeto pessoal e a forma como se valem da Bíblia dá suporte ao seu projeto. Há muito de megalomania nesta postura. Uma pastora neopentecostal, por exemplo, em suas prédicas, sempre usa a expressão “a palavra”. Repete-a várias vezes. Mas não cita a Bíblia. Custei a entender que por “a Palavra” não se referia ela à Bíblia, mas à sua palavra pessoal. O que ela dizia era inquestionável. O que ela dizia era Palavra de Deus.

Um dos mais sérios problemas para o estabelecimento de uma interpretação bíblica correta reside aqui. As pessoas não querem estudar e aprender. Elas querem falar e comandar. Elas se tornam o padrão. Há uma tendência muito grande a interpretar a Bíblia à luz de *insights*, vislumbres (como Hagin) e experiência pessoal. MacArthur Jr. traz esta expressão em um de seus livros: “Um crente carismático escreveu na capa interna de sua Bíblia: ‘Não me importa o que a Bíblia diz. Eu tive uma experiência’”¹⁹.

Importa o que a Bíblia diz. E importa a maneira como nos aproximamos dele. Ela é Palavra de Deus, inspirada, inerrante, autoritativa, fonte e base de autoridade em matéria de religião. Não pode ser

¹⁷ *La Renovación carismática – Una Interpretación Reformada del Movimiento Neopentecostal* – Grand Rapids: Publicação do Sínodo da Igreja Cristã Reformada, 1977, p. 91

¹⁸ ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura – A Doutrina Reformada das Escrituras*. S. Paulo: Editora Os Puritanos, 1998, p. 129.

¹⁹ MACARTHUR JR. *Os Carismáticos*. S. Paulo: Editora Fiel, 1981, p. 54

interpretada particularmente, e à parte da comunidade dos fiéis, que é o corpo de Cristo, desprezando-se dois mil anos de cristianismo. Está se reinventando o evangelho, redescobrimo Deus e assumindo-se o *copyright* do Espírito Santo. É preciso um pouco mais de humildade e de subordinação à Bíblia por parte de algumas pessoas.

Parte do equívoco hermenêutico neopentecostal reside em não distinguir entre iluminação e inspiração. Nós não somos inspirados. Só os autores bíblicos o foram. Só eles tiveram o sopro de Deus. Nós somos iluminados. Nós não estamos escrevendo uma nova revelação. A nós compete a submissão à Bíblia. Somos parte do corpo de Cristo e compete-nos também subordinar projetos pessoais e aspirações ministeriais a este corpo, à Igreja. Há muito *free lance* e livre atirador por aí. Em *A Igreja Eletrônica e Seu Impacto na América Latina*, Assmann comenta que um tele-evangelista neopentecostal “para sua residência erigiu um palacete avaliado em 650.000 dólares”²⁰. Isto é um absurdo. Em março, indo de Paranaguá, onde falei num Congresso de Homens, para Curitiba, de onde viria para Campinas, tive como motorista um irmão da PIB de Paranaguá, egresso de uma denominação neopentecostal, onde inclusive fora obreiro. Ele mencionou, desgostoso, as reuniões de pastores do movimento, nas quais eles eram avaliados pelo desempenho econômico, a capacidade de levantar ofertas. O líder nacional chegava em uma BMW blindada e cercado de seguranças. Não resvalarei para a polêmica rasteira, nem acusarei os neopentecostais de desonestos, mas advirto para um perigo: quando se domina a Igreja, em vez de submeter-se à autoridade dela, abusos acontecem com facilidade. Isto será observado em outra palestra, ao abordarmos a eclesiologia neopentecostal. Mas quando o homem está acima da Escritura, a ética desaparece com facilidade. A eclesiologia é produto de interpretação bíblica. Numa interpretação que subordina a Bíblia ao homem os riscos avultam. Subordinemo-nos à Bíblia e evitemos interpretações particulares. É bem mais seguro.

²⁰ ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e Seu Impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 37

NEOPENTECOSTALISMO 3 - A CRISTOLOGIA NEOPENTECOSTAL

Conferência teológica preparada pelo Prof. Isaltino Gomes Coelho Filho para a Faculdade Teológica Batista de Campinas, 14 de abril de 2004

Nesta palestra pretendo abordar a cristologia do neopentecostalismo. É uma tarefa bastante difícil porque boa parte do neopentecostalismo se desviou da autoridade normativa das Escrituras e cedeu espaço às visões e intuições de seus líderes. Como as palavras dos líderes são consideradas como sendo revelação divina, a sua teologia é pulverizada, porque Deus fala por todo mundo e fala as coisas mais díspares. Imaginemos, então, a sua cristologia. Mas é questão fundamental compreender a cristologia neopentecostal. Na realidade, um dos maiores problemas neopentecostais é o que fazer com a pessoa de Jesus Cristo. Vou me deter em alguns livros e outro tipo de material que pesquisei (estes livros são de figuras proeminentes do chamado “movimento da fé”, que não pode ser mais chamado de neopentecostalismo, mas talvez deva ser denominado de “baixo-pentecostalismo”) e, ao mesmo tempo, analisar alguns conceitos ouvidos em programas televisivos, bem como em pregações radiofônicas. Misturarei o movimento da fé, que é onde encontramos obras escritas, com citações de mensagens televisivas. Não cometo nenhuma irregularidade. O Movimento da Fé e o neopentecostalismo são gêmeos univitelinos.

Há uma babel de conceitos sobre Cristo. Duas questões colaboram decisivamente para isto. A primeira é que o movimento não tem, como já mencionei, uma teologia sistematizada. É um movimento supradenominacional, e é disto que tira muito de sua força. A segunda é que, ao seguir as palavras dos seus líderes como se fossem revelações vindas diretamente do Espírito Santo, o movimento se tornou doutrinariamente caótico, pois os líderes dizem coisas as mais díspares. Isto tornou esta palestra a mais difícil de ser preparada. Um neopentecostal escreve algo, como sendo revelação, e outro declara algo oposto, como sendo revelação. Ambos se dizem inspirados, não apenas iluminados, mas inspirados pelo Espírito Santo. Por vezes, as declarações não são, aparentemente, contraditórias, mas ao examiná-las, vemos que são opostas e colidentes entre si. Os aparentes enganos e as aparentes contradições que aqui aparecerem devem ser atribuídos às declarações lidas e ouvidas, não ao meu raciocínio. Esforço-me sempre para ser linear, mas confesso que aqui fiquei meio desorientado com as informações descobertas.

Dos muitos livros que examinei, o que mais poderia fornecer informações precisas sobre a visão neopentecostal a respeito da pessoa de Jesus seria *O Nome de Jesus*²¹, da autoria de Keneth Hagin. No entanto, nos seus 23 capítulos há uma barafunda de idéias e de conceitos que desorientam qualquer leitor que procure umnexo, um fio condutor cristológico, o que é de se esperar, afinal, numa obra com este nome. O primeiro capítulo tem o título do livro, mas sua linha argumentativa é mostrar o nome de Jesus como sendo um talismã para ser usado em oração. O nome de Jesus é, assim mesmo, nestes termos, apresentado como uma procuração que Deus nos deu e para ser usado em oração. Um outro capítulo que poderia nos ajudar nesta avaliação é “Este Nome na Salvação”, mas tem apenas 20 linhas, sendo que nelas estão inseridos três textos bíblicos: João 14.6, Mateus 1.21,23 e Atos 4.12, no corpo do argumento. Pouca argumentação, como se vê. O livro é cíclico em seu conteúdo, sempre retornando a este ponto, a autoridade do nome de Jesus para sinais portentosos. O nome de Jesus é mostrado como se fosse uma senha para acessar o site dos milagres divinos e fazer um *download* do milagre que necessitamos. Fica a impressão de que Jesus é apenas um nome, não uma pessoa, uma pessoa eterna, autoexistente e sempre existente, mas apenas um nome místico e mágico. Nisto, o livro está certo quanto ao seu título. Cristo é cada vez mais um nome, um talismã, uma legenda, que uma pessoa, do que a segunda da Trindade, no neopentecostalismo.

²¹ HAGIN, Kenneth. *O Nome de Jesus*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1988.

E temos que falar um pouco, agora, embora de passagem, de salvação. Isto porque salvação e Cristo estão indissolúvelmente ligados no cristianismo tradicional. Este aspecto de pouco conteúdo cristológico se projeta no conceito de salvação. É óbvio para um cristão de teologia sóbria que cristologia e soteriologia não se podem dissociar. O cristianismo sempre entendeu que Jesus Cristo é o Salvador, e que a redenção humana é redenção do pecado, da morte e do poder do Maligno. Mas a soteriologia neopentecostal, exatamente por causa da visão cristológica deficiente, caminha para outro ponto. Em *Redimidos da Miséria, da Enfermidade e da Morte*²², Hagin mostra a obra de Cristo como apenas nos resgatar de males físicos. Seu livro se abre com a referência bíblica de Gálatas 3.13-14 e 29: “Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro”. Isso para que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse também aos gentios, para que recebêssemos a promessa do Espírito mediante a fé (...) E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (aqui transcritos na NVI, embora ele use outra tradução). A maldição da lei, para ele, são enfermidades e miséria econômica. Não há uma só palavra sobre vida eterna. O grande problema cristológico do neopentecostalismo se desdobra na doutrina da salvação. O conceito de salvação é material, limitado às esferas físicas, do corpo e das finanças, além de boas relações pessoais, principalmente conjugais. O aspecto soteriológico tradicional se esvai. Assim como a teologia da libertação, que assumiu uma hermenêutica marxista e identificou a salvação como libertação da opressão econômica em nível estrutural, o neopentecostalismo identificou a salvação como libertação das dificuldades financeiras, em nível individual. Sua soteriologia também é terrestre, prometendo um paraíso aqui na terra. Dificilmente ouvirão uma mensagem sobre perdão dos pecados e sobre a volta de Jesus, nos programas da Universal, por exemplo. Seu olhar é voltado para esta vida. Vale a pena lembrar, aqui, de Paulo, em 1Coríntios 15.19: “Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão” (NVI). A obra de Cristo transcende os limites do material e deste mundo. Só mesmo uma cristologia defeituosa para não entender e ensinar isto. E a cristologia neopentecostal é defeituosa, neste sentido. E, curiosamente, a teologia da libertação e a teologia da prosperidade, carro chefe do neopentecostalismo, são irmãs. Ambas olham apenas para este mundo. A segunda, que é de conteúdo mais espiritual, lamentavelmente, pouco ou quase nada tem a dizer sobre escatologia.

Já comentei, anteriormente, que o neopentecostalismo mudou o eixo hermenêutico, tirando-o da Escritura e passando-o para o crente. Assumiu a postura de Protágoras de Abdera: “O homem é a medida de todas as coisas; daquelas que são, enquanto são; e daquelas que não são enquanto não são”. Uma consequência lógica e inevitável desta atitude é que desta maneira a Palavra de Deus ainda está sendo escrita. Hagin, um dos mentores do movimento da Fé e o mais fecundo escritor neopentecostal, faz apologia de um dos livros de Kenyon, *The Wonderful Name of Jesus*. Diz ele, textualmente: “É conhecimento pela revelação. É a Palavra de Deus”²³. Assim mesmo, no singular, “a”, e Palavra com P maiúsculo. A Bíblia não é mais autoritativa, pois homens a estão reinterpretação, dando-lhe outro sentido, e adicionando verdades ao já revelado. Ela é o ponto de partida, mas não a palavra final.

Com isto, torna-se difícil entender qual a linha do movimento neopentecostal, tamanha a multiplicidade de opiniões. São tantas quantos são seus pregadores. Mas algumas são repetidas, porque os maiores as pronunciam e elas são repetidamente acriticamente. Surgem, então, algumas aberrações, pois a Palavra de Deus proferida pela boca de tais líderes não pode ser contestada. Benny Hinn, por exemplo, disse que estava recebendo uma revelação de Deus naquela hora, em um sermão que estava pregando. E foi isto que recebeu como revelação: que assim como a Trindade é Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo e cada um deles é trino, então, a Trindade tem nove pessoas. E encerrou a argumentação com esta frase: “Vocês dizem, humm, eu nunca ouvi falar disso. Bem, vocês pensam que estão nesta igreja para ouvir as mesmas coisas que ouviram pelos últimos 50 anos? Vocês não podem argumentar com a Palavra,

²² HAGIN, Kenneth. *Redimidos da Miséria, da Enfermidade e da Morte*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2ª ed., 1990

²³ HAGIN, in *O Nome*, p. 7.

podem? Está tudo na Palavra.”²⁴ Quando foi contestado mais tarde, respondeu que aquele sermão fora confuso e que se desculpara com a congregação, posteriormente. Mas isto não resolve o problema. Amplia-o, na realidade. Que revelação é esta, que o próprio instrumento de revelação acha confusa e pela qual pede desculpas? O pior de tudo é que, com tudo isto, as idéias estapafúrdias dos pregadores são dadas como Palavra de Deus. Quando a cristologia é fraca a megalomania é enorme. Cabem aqui as palavras do Batista: “Convém que ele cresça e que eu diminua”. Ou Cristo ou o pregador. Um dos dois deve desaparecer e um dos dois deve brilhar. No neopentecostalismo brilha o pregador, produtor de uma nova revelação.

Volto a Hagin. Quem é Jesus para ele? Para ele, Jesus não apenas morreu fisicamente, mas também morreu espiritualmente. Eis uma palavra sua, neste sentido: “A morte física não removeria nossos pecados. Provou a morte por todo homem – a morte espiritual”²⁵. As pessoas lêem esta declaração e passam batidas, sem se deter no que ele está dizendo, e sem fazer conexões com outras afirmações suas. Na página seguinte a esta, no mesmo livro de onde extrai esta citação, afirma ele: “A morte espiritual significa ter a natureza de Satanás”²⁶. Entenderam o que ele declarou? De maneira confusa, ajuntando textos bíblicos a seu bel-prazer, desprezando as interpretações tradicionais (os neopentecostais têm ojeriza a esta palavra) Hagin formula uma teologia em que o caráter de Jesus é nivelado ao de Satanás. E as pessoas ainda gritam “Aleluia!” no culto!

Citando 2Coríntios 5.21 (“Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” - NVI), Hagin entende e ensina que Jesus se tornou pecador, como nós o somos. Eis sua afirmação: “Jesus se fez pecado. Seu espírito foi separado de Deus, e ele desceu para o inferno em nosso lugar”²⁷. O texto bíblico não diz que Jesus se fez pecado, mas que o Pai o fez pecado por nós, e não que ele foi para o inferno em nosso lugar. Embora escrevendo em grego, Paulo era judeu de nascimento, estava imbuído do judaísmo, tendo sido um de seus maiores expoentes. A palavra “pecado”, *hattat*, no hebraico, tem um duplo significado, o pecado em si, a ofensa humana, e a oferta pelo pecado, a redenção, ato divino. A construção da sentença nos permite entender que Jesus não era pecador, por isso o Pai o tornou oferta pelo nosso pecado. A oferta pelo pecado tinha que ser pura. Jesus foi a oferta do Pai pelos nossos pecados, para expiá-lo nos apresentar inculpáveis diante de Deus. Tornar Jesus pecador como nós e fazê-lo ir ao inferno em nosso lugar é estabamento. A arrogância de presumir-se oráculo divino e não estudar para saber exatamente o que a Bíblia diz produz coisas assim. De uma verdade tão profunda e tão comovedora se faz uma blasfêmia. E as pessoas ainda gritam “Aleluia!” no culto!

Estou consciente de que a maioria dos neopentecostais não assumiria esta declaração de Hagin nem as patuscadas grandiloquentes de Benny Hinn. Seria um ato de desonestidade atribuí-las a todos eles. Por que as cito, então? Para mostrar o balaio teológico e cristológico do neopentecostalismo. Tendo abandonado o eixo cristológico na interpretação bíblica, elevando escritos humanos ao nível de Palavra de Deus, o movimento nos agracia com muitas heresias. E tolices perigosas.

Observemos, agora, um pouco, as pregações neopentecostais pela televisão. Uma das maiores ênfases está nas maldições que devem ser quebradas. Há também a ênfase em cristãos que ficam possessos. Absurdamente, o demônio saiu da periferia e migrou para o centro do culto neopentecostal. Repito o que disse anteriormente, e não por falta de argumento, mas para fixá-lo bem, porque isto é fundamental. Temos um contra-senso: um Cristo fraco e demônios fortes. Cristo salva, mas é incapaz de encher a vida da pessoa. Cristo recebeu um nome sobre todo o nome, mas não consegue impedir a ação de Satanás na vida de uma pessoa. Cristo tem todo poder, mas nada pode ser feito por ele na vida do crente, a

²⁴ Conforme HANEGRAAFF (ver nota 7) isto foi dito no programa “Benny Hinn”, pela TBN, 3 de outubro de 1990.

²⁵ HAGIN, *O Nome*, p. 25.

²⁶ *Ib.*, *ibidem*, p. 26.

²⁷ *Ib.*, *ibidem*, p. 27.

não ser que o pastor neopentecostal autorize. Um desses pregadores, irado com algumas pessoas que dele discordavam, dizia pela televisão que não adiantava que lhe citassem versículos bíblicos dizendo que o crente não fica endemoninhado, porque ele via, na sua experiência diária, que eles ficam endemoninhados. Aparentemente fujo da questão cristológica, mas volto a ela. O abandono do eixo hermenêutico como sendo as Escrituras produz mais uma aberração: a experiência humana interpreta as Escrituras nesta afirmação, quando o certo é que a Bíblia interprete nossa experiência. Nossos sentidos não podem ser o padrão para interpretar a Bíblia. Exemplifico com algo simples. Sou daltônico. Um daltônico não é um deficiente, apenas tem um sentido visual diferente de uma pessoa não daltônica. Tem dificuldades em distinguir determinadas cores e certos tons, mas vê com mais nitidez formas e contrastes. O não daltônico é iludido pelo mimetismo, o fenômeno do camaleão. O daltônico não o é. As fardas camufladas, tanques camuflados, a camuflagem, em geral, como a do camaleão, do calango e do bicho pau, não o iludem. Isto mostra que os sentidos não são absolutos. “Eu senti no meu coração”, brada o neopentecostal. Pronto, não se pode discutir com ele. Mas Jeremias 17.9 o refuta: “O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?” (NVI). Não é que nós sentimos em nosso coração. É o que a Bíblia diz. Se sentirmos de uma maneira e a Bíblia disser de outra, nós é que estamos errados, e não a Bíblia.

Nossa fonte de informação sobre a pessoa de Cristo precisa ser a Bíblia. E esta precisa de um referencial seguro em sua interpretação. Na citação deste pregador televisivo, ficamos com uma situação singular. Se Cristo não pode evitar, com sua presença na vida de uma pessoa, que o demônio tenha poder sobre ela, de que nos serve tal Cristo? Para que serve um Cristo que precisa ser reforçado pela oração forte de um guru, caso contrário não pode produzir efeito na vida do fiel? Que Cristo é este? Uma triste caricatura do Cristo mostrado nos evangelhos.

Copeland, outro líder neopentecostal, em um de seus sermões, põe esta palavra na boca de Jesus:

Não se perturbe quando o desprezarem e falarem dura e severamente contra você. Eles falaram dessa maneira contra você. Eles falaram dessa maneira comigo, e não deveriam falar com você? Eles me crucificaram por ter reivindicado ser Deus. Mas eu não reivindiquei ser Deus; apenas disse que andava com Ele e que Ele estava em mim. Aleluia!²⁸

Vê-se que a divindade de Jesus é claramente negada por Copeland. Hanegraaff faz esta observação: “Os mestres da Fé parecem ver Cristo pouco mais que um irmão mais velho...”.²⁹ E está certo. Eles pouco precisam do Cristo autoritativo, porque eles têm um relacionamento direito com Deus, falam com ele o tempo todo. Aliás, Hagin e Hinn, entre outros, dizem que eles são da mesma natureza de Jesus, e que nós também o somos. As vezes em que assim se expressam são tantas que os remeto ao livro de Hanegraaff citado nesta palestra para comprovarem. Hagin tem tanta liberdade espiritual, que num só dia, segundo ele mesmo, visitou o inferno por três vezes³⁰. Como gosta do inferno! O trágico em tudo isto, é que estas pessoas não precisam de um mediador e de um de sacerdote, como nós precisamos e vemos as duas figuras na pessoa de Jesus. Muitas delas se vêem como mediadores entre Deus e os homens. Elas prescindem de Cristo. Elas se declaram como Cristo. Sua filiação a Deus é no nível de Cristo. Algumas delas se dizem iguais a Cristo.

Este problema cristológico surge porque muitos pastores neopentecostais disputam espaço com Jesus. A anteriormente citada megalomania chega aqui ao seu nível extremo. Os crentes antigos oravam

²⁸ Conforme HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em Crise*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1996, p. 149.

²⁹ *Ib.*, *ibidem*, p. 150.

³⁰ HAGIN, Kenneth. *O Extraordinário Crescimento da Fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s/d, p.38-40

assim pelo pregador: “Esconde o teu servo atrás da cruz de Cristo”. Bonita oração, mas parece que foi trocada por outra: “Esconde a cruz de Cristo atrás de teu servo”. Vemos muito de um Cristo descorado e de pregadores brilhantes. É estranho isto. Tenham cuidado com o pregador que aparece mais que Jesus.

O pastor deve *pregar a obra de Jesus*, mas o pastor neopentecostal *completa a obra de Jesus*. Ele, só ele, tem poder de quebrar maldições, só ele possui a oração forte, só ele tem poder sobre o demônio. Ele é um sacerdote. Cristo não é Sumo Sacerdote, mas apenas um ente espiritual. Na realidade, o Sumo Sacerdote é o pastor neopentecostal. Vê-se isso em igrejas do pentecostalismo autônomo. A pessoa abre uma igreja, dá-lhe um nome exótico, e começa seu trabalho. Mas quem o legitima? Quem o credencia? A legitimação e credenciamento surgem no momento em que um demônio se manifesta e ele o repreende e o vence. A partir deste momento em que venceu o demônio, ele está reconhecido como pastor e sua igreja reconhecida como autêntica. O credenciamento e a legitimação de um pastor e de uma igreja devem vir da centralidade de Jesus em sua vida. Isto nos lembra 1João 3.8: “... Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo”. Jesus destruiu o poder do Maligno. Por causa da obra de Jesus, que derrotou o Maligno e nos abriu o caminho para o céu, temos o Espírito Santo. E diz 1João 4.4: “Filhinhos, vocês são de Deus e os venceram, porque aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo” (NVI). O Espírito Santo que Jesus nos enviou da parte do Pai é maior do que Satanás. Se ele está em nós, nossa vida está cheia do Espírito. É Jesus quem quebra o poder do Maligno, não a oração de alguém.

Devem ter notado, e devem se recordar que já comentei isto, que muito da pregação neopentecostal televisiva é calcada no Antigo Testamento. O pregador se refugia no Antigo Testamento, porque ali se sente mais seguro. O Novo Testamento, por causa da obra de Jesus, socializa os dons. Jesus deu dons à igreja, diz Efésios 4. O Antigo Testamento elitiza os dons. Eles são para pessoas especiais, uma elite, uma casta. A cristologia neopentecostal é fraca porque muito de suas pregações são veterotestamentárias, sem o fio de prumo interpretativo do Novo. Então, a pessoa de Jesus deixa de reger a Revelação, ele, que nos dizer dos teólogos reformadores, é o “cânon dentro do cânon”, e passa a ser um taumaturgo comandado pelo pastor.

Esta questão é crucial para o futuro do movimento evangélico. Temos muitas igrejas ditas evangélicas e muita gente dita evangélica. Vou parafrasear Paulo, quando disse que não é judeu quem o é exteriormente, mas sim que o é interiormente. O verdadeiro evangélico é aquele que tem uma experiência de conversão a Jesus, que foi perdoado por ele, tem certeza de sua salvação por ele, espera sua segunda vinda e tem certeza de morar para sempre com ele no céu. É aquele que crê que Jesus é Senhor. E é esta questão do senhorio deve ser real e não retórica. Ser Senhor não é ser padroeiro. No neopentecostalismo, parece que Jesus é apenas uma entidade padroeira. “Jesus é o Senhor desta cidade” é uma placa que se vê em algumas localidades por este Brasil. Confunde-se Senhor com padroeiro. “O mundo todo está debaixo do poder do Maligno”, diz 1João 5.19. O senhor das cidades humanas é Satanás. A cidade onde Jesus será Senhor de direito e de fato é a Nova Jerusalém, que virá do céu para nossa habitação. Ele é Senhor dos que crêem nele, dos que o obedecem. De direito e de fato. Do mundo, ele é Senhor de direito, mas o Maligno usurpa porque domina os incrédulos. Mas ao voltar, Jesus esmagará o mal em definitivo. É a tensão entre o *já* e o *ainda não*. Cito agora, sobre esta questão, um trecho de minha dissertação de mestrado:

Jesus Cristo *já* inaugurou o reino de Deus, mas este *ainda não* se consumou. O mundo por vir, com sua transformação escatológica, *já* teve suas bases lançadas, mas *ainda não* chegou. *Já* somos filhos de Deus, temos bênçãos indescritíveis para nós reservadas, mas elas *ainda não* se manifestaram em sua totalidade porque *ainda não* entramos na plena liberdade dos filhos de Deus. Satanás *já* foi vencido, porque Jesus entrou em seus domínios e o amarrou, libertando-nos do seu poder e domínio, mas *ainda não* foi subjugado por

completo. Pelo contrário, “O vosso adversário, o Diabo, anda em derredor, rugindo como leão, e procurando a quem possa tragar” (1Pe 5.8).

Quando se enfatiza em demasia o *ainda não*, entramos num processo de derrota, de frustração, numa falta de perspectiva para o futuro. Pregar apenas o *ainda não* traz desânimo e transforma a fé cristã em algo distante. Produz até mesmo uma sensação de derrota. O derrotismo é incompatível com o caráter cristão.

Quando se enfatiza em demasia o *já*, entramos numa situação de triunfalismo infantil, de ingenuidade espiritual e de desconhecimento da realidade. Pensa-se que a perfeição já chegou, que o céu já foi trazido para a terra. Passa-se a viver em nível de artificialidade espiritual e de irrealidade teológica. Vê-se isto no triunfalismo moral, que ensina a impecabilidade do crente. Vê-se, no caso da teologia da prosperidade, que ensina o triunfalismo físico, a saúde perfeita e completa e a riqueza material. Que mostra uma vida de triunfo sobre todas as adversidades, em todos os momentos ³¹.

Nós vivemos no *ainda não*, cremos no *já* e esperamos por ele. O arroubo neopentecostal quer o *já* agora. Cristo já derrotou Satanás na cruz, mas o mundo ainda jaz no maligno. Ele já nos libertou do poder das trevas, mas ainda pecamos. Já provamos os poderes celestiais, mas ainda vivemos neste mundo. O senhorio de Jesus já foi proclamado, mas ele ainda não submeteu tudo a seus pés. Lemos em 1Coríntios 15.24-26: “Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte”. A cristologia mostra que o mundo se submeterá a Cristo no final dos tempos. Cuidado com o arroubo retórico e grandiloquente.

Mas eis a pergunta que não quer calar, a verdadeira pergunta que não quer calar: “Quem é Jesus Cristo?”. Para um cristão, a linguagem sobre a Divindade e sobre Jesus, o Filho, será sempre respeitosa. Eis uma declaração da mídia secular, analisando a linguagem neopentecostal sobre Deus e Jesus, ao falar da Igreja Renascer:

A igreja ostenta como membro de maior audiência a bispa Sonia Hernandez, 40 anos, mulher de Estevam. Sonia notabilizou-se ao cunhar frases como "Deus é uma coisa muito quentinha e gostosinha", ou "Jesus era um cara muito pirado, não morreu, apenas deu um tempo" ³².

Deus não é uma coisa. Jesus não era pirado nem deu um tempo. Morreu, foi sepultado, ressuscitou e voltará em poder e glória. A propósito, quero citar a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, no item “Deus Filho”. Eis o que os batistas crêem sobre Jesus e que endosso *in totum*:

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus. N’Ele, por Ele e para Ele, foram criadas todas as coisas. Na plenitude dos tempos Ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerado pelo Espírito Santo e nascido de Virgem Maria, sendo em sua pessoa verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem. Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e obedeceu a toda a vontade de Deus. Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o

³¹ COELHO FILHO, Isaltino. *Os Sofrimentos do Messias e Sua Aplicação Para Nosso Tempo – Uma Avaliação da Teologia da Prosperidade*, dissertação de mestrado, não publicada, p. 122

³² Artigo “Deus está no ar”, de Débora Crivellaro, recebido pela Internet, sem mais dados.

castigo e expiando as culpas de nossos pecados, conquanto Ele mesmo não tivesse pecado. Para salvar-nos do pecado morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o seu eterno Supremo Sacerdócio. Jesus Cristo é o Único Mediador entre Deus e os homens e o Único suficiente Salvador e Senhor. Pelo seu Espírito Ele está presente e habita no coração de cada crente e na Igreja. Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumir sua obra redentora.

Pregação e ensino que deslustrem ou minimizem a pessoa de Jesus são enganos diabólicos. É obra do Diabo colocar Jesus em outro lugar que não seja o primeiro, em sua própria Igreja. Jesus é mais que um nome místico, mais que uma senha, mais que um *slogan*, mais que um curandeiro. É Deus feito homem. Uma cristologia que não reconheça isto nem proclame em alto e bom som seu senhorio sobre o mundo e o veja apenas como um nome a manipular, não é cristologia. É um desserviço ao evangelho. E é esta a cristologia neopentecostal.

NEOPENTECOSTALISMO 4 - A ECLESIOLOGIA NEOPENTECOSTAL

Conferência teológica preparada pelo Prof. Isaltino Gomes Coelho Filho para a Faculdade Teológica Batista de Campinas, 16 de abril de 2004

É óbvio que não se procederá aqui a uma análise exaustiva da eclesiologia neopentecostal. E o que se fará terá certa dose de dificuldade. Já nos ficou patente que o neopentecostalismo não é uma denominação, mas um movimento eclético, com práticas as mais diversas, sem uma fonte de autoridade centralizadora. Sua alegada fonte é a voz do Espírito, mas a leitura de obras de seus expoentes mostra que esta voz se identifica com a voz dos líderes ou dos donos das seitas. Nas palestras anteriores analisamos alguns de seus pontos, sendo o anterior a este foi a questão cristológica. A ordem tem sentido. A hermenêutica produz uma determinada visão de Deus Pai, de Cristo, do Espírito Santo, e se refletirá no conceito de Igreja.

Que entendemos ser “Igreja”? A resposta mais precisa, em nosso contexto teológico, nos vem da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Diz-nos ela:

Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento (1). Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com a finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho. As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pela Palavra de Deus, sob a orientação do Espírito Santo. Há nas igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, voluntariamente, nas atividades do reino de Deus. O relacionamento com outras entidades, quer sejam de natureza eclesiástica ou outra, não deve envolver a violação da consciência ou comprometimento de lealdade a Cristo e sua Palavra. Cada igreja é um templo do Espírito Santo. Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja” em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre Ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus³³.

O neopentecostalismo não deu uma definição objetiva de Igreja, mas suas práticas nos mostram como seus líderes a entendem. Não está verbalizada, mas a prática mostra como a entendem. Vamos levantar algumas questões, aqui, não a partir da Declaração Doutrinária, que foi citada para mostrar nossa posição. Vamos levantar as questões a partir da prática do Novo Testamento, como podemos ver em algumas passagens bíblicas. E considerar as atitudes que nos chegam como uma visão eclesiológica neopentecostal.

³³ Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, item VIII, omitindo-se as passagens bíblicas

Eis a primeira questão: quem toma as decisões gerais na Igreja? Em Atos 6.1-6, a Igreja está em um grande momento espiritual, quando surge o primeiro dos muitos casos de fofoca ao longo da história eclesiástica. Há um problema para resolver. Como sua liderança o equacionou? A palavra dos apóstolos foi esta: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós...” (v. 3). A escolha dos sete não coube aos doze, mas à multidão, como lemos no versículo 2. O povo, como um todo, foi chamado a participar da administração da Igreja. Da mesma maneira, as cartas de Paulo, com princípios e sugestões sobre a vivência eclesiológica, não se dirigem ao pastor ou à diretoria, mas à Igreja como um todo. As queixas, ele as dirige à Igreja como um todo, como vemos mais detidamente em 2Coríntios e em Gálatas, em várias passagens. A forma de governo na Igreja neotestamentária é participativa e não monárquica até mesmo por causa de um princípio doutrinário: o sacerdócio universal de todos os salvos. Todos os membros da Igreja, independente de seu valor social e do seu poder aquisitivo, têm o mesmo peso decisório. O Espírito Santo não é mais de um que de um de outro e é ele quem dirige a Igreja. Ele se manifesta na Igreja, e não por uma elite. Pode haver pessoas mais esclarecidas, com mais visão de vida cristã, e de vida secular, mas a responsabilidade e o privilégio pertencem a todos. A Igreja não é do clero, mas do povo.

Já vimos que o neopentecostalismo sacerdotaliza a Igreja, com a idéia de pessoas que são iluminadas, mais que outras. Já disse antes que o pastor tradicional, principalmente, se for de um sistema congregacional, tende a sair ou a mudar os estatutos da Igreja para se firmar. A eclesiologia neopentecostal é autoritária, centralizadora, nas mãos de um grupo ou de uma pessoa. Seu centro decisório está radicado no líder, figura inquestionável. Pieratt conta em um de seus livros sobre uma declaração de Hagin, ao receber a sexta visão de Jesus, que “se uma igreja se recusasse a aceitar seu ministério, Deus iria retirar dela seu candeeiro”³⁴. A eclesiologia é sacerdotal, na forma de ver o pastor. Tende a superdimensionar a figura do líder. Ele é o dono da Igreja. Quem estende a mão contra ele morre.

O sistema congregacional tem uma grande vantagem (outros sistemas como o presbiterial também o têm), que é o colocar a autoridade final na Igreja. Em Atos 15.22 vemos que a liderança e a Igreja chegaram a uma conclusão, após debates: “Então os apóstolos e os presbíteros, com toda a igreja, decidiram escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé. Escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, dois líderes entre os irmãos”. A autoridade decisória pertence à Igreja. E ela é todos. O pastor é um servo de Deus e da Igreja, não seu dono. No neopentecostalismo, o pastor é um proprietário, não um servo.

Uma segunda questão eclesiológica reside no papel do pastor. Quem é ele? Como ele é escolhido? Numa igreja tradicional, o pastor é alguém que é recomendado por uma igreja a uma escola teológica. Após o curso será examinado por um grupo de pastores que o darão como apto ou não para o exercício do ministério, atendendo este grupo ao pedido de uma igreja local. Mais uma vez, vemos o primado da Igreja. Está com ela a autoridade e ela reconhece autoridade num futuro pastor com base no conhecimento de seu caráter e na aprovação emitida de outros pastores, num concílio convocado por uma Igreja. A Ordem dos Pastores não pode consagrar um pastor, independente do pedido de uma Igreja. No nosso sistema, a Igreja (e Igreja é o povo) é que tem a palavra final. O sistema tem falhas mais por causa de pessoas que usam os concílios examinatórios para exibir sua erudição ou massacrar candidatos, mas em si é coerente, é razoável. Mas, como sucede com a escolha de um pastor no movimento carismático? As palavras de Marinho, já citado em outras palestras, cabem aqui:

Enquanto nas igrejas históricas os candidatos ao ministério pastoral passam por uma preparação e zelosa avaliação quanto ao caráter e chamado, no movimento neopentecostal, qualquer um pode ser "pastor". Os critérios baseiam-se em saber pregar, falar línguas estranhas, ter sido revelado, etc. e, por esta razão, muitos líderes neopentecostais são tão desvirtuados das caracteres de um verdadeiro

³⁴ PIERATT, Alan. *O Evangelho da Prosperidade*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p. 47

homem chamado ao ministério. Poucos são aqueles que tem alguma preparação teológica. Segundo Paulo, as características de um homem apto para o ministério devem estar relacionadas ao seu caráter irrepreensível, com sua capacidade de ensinar, com sua boa administração do lar, com sua competência nos relacionamentos, com sua boa conduta para com o mundo, etc. (1Tm 3). Além do mais cada pastor neopentecostal é livre pensador, ou seja, pode pregar o que acredita, sem a supervisão de ninguém, o que favorece ao surgimento de tendências heréticas e inovações doutrinárias no meio deles. E quando são questionados por alguma autoridade, se revoltam e abrem suas próprias igrejas dirigindo-as como bem lhes apetece ³⁵.

A Igreja é uma massa de pessoas que recebe liderança, mas que não opina sobre a liderança. Esta não é serviçal, mas senhoril. Isto traz alguns exageros, desde a glorificação de um líder humano até a pulverização doutrinária, pois o líder, principalmente no neopentecostalismo autônomo, não tem a autoridade da Igreja sobre si, mas é ele que tem autoridade sobre ela. Os dons, que nas cartas paulinas são para toda a Igreja, passam a ser de uma elite. Temos uma eclesiologia sacerdotal, no sentido de alguém tem *munus*, autoridade, e os demais não.

Sobre a glorificação do líder vemos alguns absurdos que chocam até quem se acostumou a eles. Sabemos que estes acontecem no movimento tradicional, mas o nível em que sucedem no neopentecostalismo é doentio. Veja-se esta frase de Morris Cerullo: “Você não está olhando para Morris Cerullo – você está olhando para Deus, está olhando para Jesus Cristo” ³⁶. Tais líderes assumem para si uma posição espantosa que ou beira à megalomania ou à completa insanidade. Um pastor, em Salvador, colocou um letreiro corrediço em sua Igreja: “Fulano de Tal (o nome dele) tu és meu filho amado em quem me comprazo” ³⁷. O foco é colocado no líder da Igreja. O pastor é um semideus, mais que um homem. As palavras do Batista deveriam ser lembradas: “Convém que ele cresça, e que eu diminua” (Jo 3.30). O pastor não pode aparecer mais que Jesus. O endeusamento humano é pecado.

Mais questões que nos mostram o papel do líder, no neopentecostalismo. Uma pastora neopentecostal disse pela televisão que recebera uma revelação do Senhor de que ela precisava ir aos quatro pontos cardeais em seus extremos geográficos para ungir o Brasil. Só assim este teria salvação. A pastora tomou o lugar de Jesus. Enquanto que numa igreja tradicional o pastor deve se subordinar à Bíblia, no neopentecostalismo, desde que a Bíblia não é autoritativa, o pastor a completa ou revoga. Veja-se esta citação de Jorge Tadeu, da Igreja Maná:

Temos de deixar a nossa religiosidade no chão para sermos mais utilizados por Deus. Recebi isto por revelação divina: Deus me disse que hoje o Senhor permite que um homem tenha várias mulheres, desde que com isso sirva mais a Deus. ³⁸

Resumamos: a autoridade do pastor é tão absoluta, que ele ensina o oposto da Bíblia, apologiza a poligamia, que é crime, e diz que é revelação.

³⁵ MARINHO, Wemerson: *Pontos Discutíveis do Movimento Neopentecostal*, trabalho que me veio às mãos, pela Internet. Esta afirmação está no tópico 1.c., “O ofício ministerial neopentecostal”.

³⁶ HANEGRAFF, Hank. *Cristianismo em Crise*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1996, p. 13.

³⁷ Este episódio me foi contado por um diácono batista em Salvador, em cuja casa estive almoçando. O letreiro foi retirado depois de muito alvoroço entre os próprios membros da Igreja que acharam que o pastor fora longe demais.

³⁸ ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em Crise*. S. Paulo: Editora Mundo Cristão, 1995, p. 42. A declaração, segundo Paulo Romeiro, está gravada em vídeo, no Instituto Cristão de Pesquisas.

Uma terceira questão: quem define o projeto da Igreja? Talvez este ponto não desperte atenção em alguns dos tradicionais. Isto porque muitas igrejas e muitos pastores não têm projeto algum. O pastor apenas realiza cultos, esperando que alguma coisa aconteça. É um erro. Um pastor e uma Igreja precisam ter um projeto para saber para onde vão e por onde devem andar. Mas no neopentecostalismo, quem define o projeto? Na visão eclesiológica de haver alguém iluminado, as pessoas não participam do projeto. O líder sabe o que é bom para os demais. E estes devem obedecer. Mas “na multidão de conselheiros há sabedoria”, diz Provérbios 11.14. O entrave à participação da congregação, na visão neopentecostal, é que esta não tem a linha direta com Deus, como seus líderes. A promessa encontrada em Joel e que Pedro identificou em Atos diz que o Espírito seria derramado sobre toda a carne. A Igreja é, toda ela, uma comunidade igual aos olhos de Deus, tanto em termos de valor pessoal como em termos de participação. Ela diz respeito a todos e todos deveriam se envolver com ela. Este autoritarismo eclesiástico enche os olhos de pastores fracos, sem liderança, sem projetos, que podem ser questionados e assim se sentem encantados com o modelo eclesiológico neopentecostal. Um pastor dizia, há tempos, que o povo só atrapalha. Ouvi este discurso nos tempos de Geisel...

O grande problema é que o autoritarismo eclesiástico, assim como o político, militar e de qualquer tipo, leva ao florescimento de absurdos. A defesa da poligamia feita por Jorge Tadeu é um exemplo. Num acampamento batista onde estive como preletor, as senhoras da cozinha (o melhor lugar de um acampamento) me disseram que lá esteve a Pra. Valnice com suas auxiliares. Ela fizera um voto de rapar a cabeça pela conversão de uma conhecida sua. Todas as pastoras tiveram que rapar a cabeça. Uma se recusou e foi tão marginalizada pelas demais que até se recusaram a comer com ela, que teve que fazer as refeições à parte ³⁹. Um projeto pessoal teve que ser respaldado por todos e quem não o respaldou foi imediatamente hostilizado. O autoritarismo leva a mesquinhasias deste tipo. Não se pode contestar o dono da seita. Dispensamo-nos de alistar outros absurdos, mas vou entrar no quarto aspecto, que é um desdobramento deste e que nos mostra para onde o autoritarismo leva com a ausência do povo num projeto eclesiástico, a questão das finanças.

Então chegamos *a quarta questão*. Quem administra as finanças da Igreja? A quem se prestam as contas? Numa igreja tradicional, há uma tesouraria eleita pela Igreja, que cumpre um programa votado pela Igreja, e que presta suas contas a uma comissão eleita pela Igreja. No Cambuí ainda temos uma contabilidade externa. No momento da devolução dos dízimos e ofertas sempre digo que aquele momento é para os membros da Igreja, dispensados dele os visitantes, e explico como se administra o dinheiro na Igreja.

Hanegraaff, em obra já citada nestas palestras, nas notas bibliográfica de seu livro, a partir da página 411 alista alguns casos de malversação de dinheiro provindo de ofertas. Um dos líderes é citado, nominalmente, como tendo declarado (e Hanegraaff afirma ter o vídeo com sua declaração) que jogava fora os pedidos de oração que vinha com as ofertas, e recolhia apenas o dinheiro. Aliás, a pessoa precisa ser muito crédula para pensar que o governo de Israel permitiria que gente de todo lugar subisse os chamados lugares sagrados com dezenas de sacos de pedidos de oração e os queimasse em fogueiras nestas lugares. Mas fuja-mos deste ponto. A questão é: quem administra o dinheiro?

Este não vem apenas de dízimos e ofertas, o que é bíblico e estabelecido pelas Escrituras, mas é extorquido em nome de Deus. Hugo Assmann transcreve, em uma obra sua, a mensagem pregada por R. R. Soares, oferecendo uma rosa branca ungida que curaria desde o vício em drogas até perna gangrenada

³⁹ Este episódio me foi contado pelas senhoras da cozinha do Acampamento da Igreja Batista Central de Campinas.

que deixou de ser amputada por causa do uso da rosa. Esta era enviada de graça, mas uma oferta pela rosa era pedida⁴⁰. Era de graça, mas havia um preço.

Na mesma obra, Assmann mostra as maneiras de se arrecadar dinheiro. Ele dedica um tópico ao tema “Técnicas mais comuns para angariar fundos”. Ele apresenta seis das mais comuns, que são:

- (1) A venda de espaço sagrado – São as campanhas para construção de seus gigantescos centros televisivos. Cita a Torre de Oração, de Oral Roberts, e a Catedral de Cristal, de Robert Schuller.
- (2) A venda de tempo de oração – Em troca de uma oferta, um tempo especial lhe será dedicado em oração intercessória. Em outras palavras, dependendo de quanto for a oferta, maior ou menor o tempo de oração.
- (3) O convite para entrar no “Clube” – É uma prática mais americana, como o “Clube dos 700”, de Pat Robertson, e a Família-Chave de Oração, de Rex Humbard. Este foi o estranho caso de um neopentecostal que faliu. Gastou mais do que arrecadou. Assmann cita um movimento católico neopentecostal, a Associação do Senhor Jesus, dos católicos carismáticos, de Campinas.
- (4) Venda de objetos religiosos – Há medalhas com versículos bíblicos, os lenços com a impressão da mão curadora de Oral Roberts, Bíblias com dedicatórias, cassetes que registram as últimas revelações de Deus dadas ao pregador, etc.
- (5) Os apelos pessoais que simulam intimidade – A pessoa é convidada a fazer contato porque receberá uma resposta pessoal, aparece na televisão um pequeno grupo de atendentes telefônicos sorridentes, mostrando que a pessoa será bem atendida, criando um clima de cordialidade e de intimidade. A mesma técnica do vendedor que pede nosso nome para nos tratar como amigo de longa data.
- (6) A ameaça de ter que suspender o programa por falta de recursos – O programa tem abençoado a tantos! Será uma pena. Sob chantagem emocional, o risco de perder o contato com seu guru espiritual, a pessoa acaba contribuindo.

Não está na relação de Assmann, mas outro método empregado é a colocação de um valor determinado em um envelope com o nome da pessoa, nome que será levada para Israel, para se orar por ela. Tivemos esta experiência em Belém, com uma senhora que trabalhava em nossa casa. Ela era da IURD e naquela época, em 1999, estavam cobrando 100,00 reais para se levar o nome da pessoa para oração no monte Sinai. Como era uma igreja de periferia, ninguém pôde atender o pedido. O pastor procurou a pessoa, Rosa, e disse que para ela faria um desconto, deixaria por vinte reais, mas que ela não contasse para ninguém. Mas procurou outras pessoas com a mesma conversa do desconto e que não contassem para ninguém.

Há mais técnicas, mas em todas elas se observa uma absoluta ausência de ética. Os fiéis não são respeitados, a questão do dinheiro é tratada com ganância e desonestidade. Não há relatórios, não há auditoria. O que mais me impressiona negativamente é a absoluta ausência de escrúpulo no levantamento e na utilização de recursos. No estilo de uma eclesiologia autoritária, o povo não tem acesso à contabilidade da Igreja. E neste ponto, de recursos financeiros, as igrejas precisam ser cristalinas e de absoluta transparência.

Uma *quinta questão*. Pensei em colocar estes pensamentos na questão da liturgia, porque dizem respeito ao culto, mas é aqui que deve ficar na área da eclesiologia, porque é a compreensão do que seja Igreja. A visão neopentecostal é que “Igreja é um lugar aonde vamos e aonde acontecem coisas”. O antigo bordão da IURD mostra isto: “Igreja Universal, onde o milagre é uma coisa natural”. É a questão da luta

⁴⁰ ASSMANN, Guho. *A Igreja Eletrônica e Seu Impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986, ps, 101 em diante.

contra o demônio. No livro *Teatro, Templo e Mercado*,⁴¹ Leonildo Campos mostrou a Universal como um lugar onde estas três instituições se encontram, o teatro, o templo e o mercado. A dramatização, a Igreja vista e usada como teatro, é ponto forte nos cultos neopentecostais. E a luta contra o demônio acabou tomando lances teatrais e pouco honestos e é bem teatralizada. Campos nos fala de uma jovem que confessou estar fazendo papel de pomba-gira em várias igrejas da IURD. Este era seu emprego. O *Jornal da Tarde*, de 12.10.90 trouxe reportagem em que dois homens confessaram que eram pagos para simular doenças ou possessões demoníacas. Macedo processou o jornal, mas a ação foi considerada improcedente.

⁴²

Mas fiquemos na questão da batalha espiritual. Ela existe. A Bíblia diz isto: “Estejam alertas e vigiem. O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar. Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé, sabendo que os irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos” (1Pe 5.8-9). O problema é que houve um superdimensionamento do demônio nos cultos e na própria eclesiologia em geral. Quase que todos os neopentecostais optaram pela teologia da batalha espiritual. Isto enche os olhos do povo, lutar contra demônios e vencê-los. Eles são culpados por tudo de ruim que nos acontece. Vencê-los, num momento teatral, é resolver todos os nossos problemas. É vingá-los de quem nos causou tantos males. Mas isto traz abusos. Um deles é que os demônios passaram a ter lugar especial no culto. Citando Paulo Romeiro:

Talvez nenhum outro assunto tenha fascinado tanto os evangélicos nos últimos tempos quanto o da batalha espiritual. De repente, o diabo moveu-se para o picadeiro e passou a ser o centro do espetáculo. Infelizmente, o fascínio pela guerra espiritual trouxe consigo o desequilíbrio teológico, o sensacionalismo e uma avalanche de revelações extra e antibíblicas em relação a esse tema.⁴³

Com isto, a Igreja tem buscado saber sobre o Diabo fora da Bíblia. Alguns neopentecostais fizeram um mapeamento de demônios territoriais, mostrando seus nomes e onde reinam. Algumas dessas revelações foram conseguidas de demônios submetidos a juramento, depois de amarrados em nome de Jesus. As pessoas estão aceitando, nas igrejas, aos gritos de “aleluia!”, revelações vindas de demônios! Como pode ser isto? Junte-se a vontade de ouvir novidades, com o volume de revelações extrabíblicas com o estrelismo do demônio, e temos declarações como esta:

O umbigo é muitas vezes um ponto de entrada para o poder demoníaco. Ele poderá usá-lo, descendo pelo cordão umbilical antes ou durante o nascimento. Os espíritos malignos já me disseram que entraram através do sêmen masculino na mulher, e daí pelo cordão umbilical para dentro da pessoa a quem eu ministrava.⁴⁴

Um pastor ensina como verdade algo que, pretensamente, teria recebido de um demônio. Ou é muito ingênuo ou é ingênuo demais. E uma instituição evangélica, que se propõe a evangelizar empresários, edita isto e divulga como verdade teológica.

Daí se chega a invocação do demônio nos cultos neopentecostais. “Comece a se manifestar, Exu Caveira” e “Manifeste-se Exu Tranca-Rua” são frases ouvidas em programas neopentecostais. Seria bom estabelecermos algo: não existem exus, nem pombas-giras, nem zé-pelintras. Está se legitimando um

⁴¹ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado*. Petrópolis: Vozes; S. Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista, 1997.

⁴² Sentença Processo 1620/90, 1º Ofício Criminal Regional Santana, SP, pp. 6 e 7.

⁴³ ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em Crise*. S. Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 113.

⁴⁴ SUBRITZKY, Bill. *Demônios Derrotados*. S. Paulo: ADHONEP, p. 134

pretensão e imaginado panteão de deuses africanos. Há demônios, apenas. Mas pedir que se manifestem em um culto evangélico é muito. E colocá-los como foco de atenção na eclesiologia é aberração. O centro do nosso culto deve ser Deus. E a eclesiologia deve olhar para a Igreja como o corpo de Cristo, não como igreja como um teatro ou uma arena. A vida da Igreja é mais que exorcismos no culto. É a peregrinação no mundo, com testemunho, vivência cristã e caráter nos relacionamentos sociais.

Poderia apresentar mais aspectos. Tornaria longa esta exposição e, na realidade, me esgota, me deprime, efetuar avaliações apenas negativas de algo. Perguntará alguém: “Nada presta no neopentecostalismo? Por que não faz avaliações positivas?”. Respeito, em neopentecostais, o interesse por realidades espirituais, o desejo de ver o reino de Deus triunfar, o desejo de uma vida vitoriosa. Mas desde que a Bíblia é abandonada, revelações adicionais de homens lhes são adicionadas, desde que não há controle nem avaliação da liderança, desde que a vida vitoriosa é dimensionada em ter coisas, saúde e problemas resolvidos, desde que o culto à personalidade se instala, o movimento perde seu valor. Sua liderança será responsabilizada diante de Deus por desviar o povo da Bíblia. Quanto às avaliações positivas, lembremos de algo, de nossa história. Temos sido depreciados, inclusive por alguns de nosso meio. Os tradicionais trouxemos o evangelho para este país. Tivemos templos apedrejados, pastores aprisionados, pregadores espancados, bíblias queimadas em praça pública. Nem sepultar os nossos mortos podíamos, pois os cemitérios eram da Igreja Católica. Plantamos árvores à sombra das quais andam pessoas que, no mínimo, deveriam nos respeitar. E, que para pedir nosso respeito, deveriam mostrar ética e caráter. Temos currículo, e não B.O. Temos amor pela Palavra de Deus e em função dela estruturamos nossas igrejas, nossa pregação e nossos cursos teológicos. Somos herdeiros da Reforma: só a graça, só a fé, só a Escritura. Pessoalmente respeito obreiros sérios, que mostram isso, que não ostentam sinais de riquezas adquiridas às custas do povo, que sejam zelosos por sua vida e amem a Palavra de Deus. E tudo que posso dizer e, creio, devemos esperar, é que os neopentecostais se voltem para a Bíblia, cessem o culto ao homem, e deixem as revelações extrabíblicas. Isto será uma bênção para eles, para nós e para o mundo.

NEOPENTECOSTALISMO 5 - A LITURGIA NEOPENTECOSTAL

Conferência teológica preparada pelo Prof. Isaltino Gomes Coelho Filho para a Faculdade Teológica Batista de Campinas, 16 de abril de 2004

Nesta palestra pretendo falar um pouco sobre a liturgia neopentecostal. O “um pouco” é que não irei esgotar o assunto. Isto é de uma obviedade acaciana. Seria uma pretensão muito grande de minha parte ou da parte de qualquer um. Na realidade, a questão litúrgica é um dos maiores focos de discussão e de dissensão no cenário evangélico. E é até difícil falar sobre uma liturgia como sendo a ortodoxa ou a correta. A multiplicidade de formas e de modelos é enorme. Há para todo tipo e todo gosto. Mas a liturgia neopentecostal merece ser analisada com olhos críticos porque embutidas em sua prática estão alguns pressupostos teológicos. Muitas igrejas adotam práticas litúrgicas sem sequer analisá-las. Jovens vão a um congresso, vêem algo, acham-no atraente, e trazem-no para sua igreja. O ambiente em que vivem é outro, a cultura de sua igreja é outra, há pressupostos doutrinários na prática, mas o copismo é muito forte em nosso meio, e as pessoas passam, principalmente os jovens, por cima de tudo isto. Assim surgem problemas nas igrejas. Nem sempre por vitória do tradicionalismo. Muitas vezes, por mera ignorância dos inovadores. E depois, com o choque, vem a falta de bom senso e a questão acaba extrapolando para divisões. Muitas igrejas se dividem por ninharia. Nem mesmo por doutrina. Mas deixemos isto de lado. Vamos ao que é nossa proposta.

Algumas dessas práticas litúrgicas são apenas uma maneira de uma comunidade expressar a sua fé, sem implicar em abraçar determinada doutrina, mas algumas delas implicam em assumir determinadas posições teológicas. É preciso analisar e considerar isto. Um modelo assumido por um grupo pentecostal ou neopentecostal não é errado simplesmente porque foi adotado por esses grupos. Mas se sua adoção implica em remover balizas doutrinárias torna-se necessário o espírito crítico e, conforme o caso, promover sua rejeição. Há doutrinas que são secundárias, apenas diferenciais de grupos denominacionais. Mas há doutrinas que são o cerne da fé cristã e que nunca podem ser minimizadas. A liturgia, que é a expressão da celebração da fé, não pode sacrificar o conteúdo da fé. Seria um contra-senso. Naquilo em que pontos centrais da fé cristã são afetados por práticas litúrgicas, estas devem ser recusadas.

Quando era pastor em Manaus recebi no gabinete um diácono de uma denominação séria e respeitável, a Assembléia de Deus. Posso considerar suas doutrinas equivocadas, mas tenho que respeitar seu caráter sério. O irmão que me procurou saíra de lá e queria ir para uma igreja batista. Segundo ele, queria menos barulho e mais reflexão. No primeiro domingo foi a uma igreja batista e saiu de lá, como disse, horrorizado. Eis suas palavras: “Que horror! O grupo de louvor fazia mais barulho que toda a banda da Assembléia!”. É difícil, hoje, caracterizar uma determinada liturgia como sendo de uso específico de uma igreja tradicional ou de uma igreja renovada. Há igrejas de teologia tradicional e de liturgia barulhenta. Isto se deve ao fato de que as pessoas não estão se preocupando muito com o que crêem, mas em liberar suas emoções. E também porque a busca de resultados é muito grande. O certo não é mais o que é certo, mas o que funciona. E, se funcionou em um lugar, será adotado em muitos outros. Como somos ingênuos e superficiais!

A liturgia tem muito a ver também com o estilo e a cultura da comunidade ou o estilo imposto pelo líder. E as pessoas se ajustam a ela porque aquele é seu ambiente cultural. Nem por tanto porque seja certo ou errado. Pessoalmente, quero menos barulho e mais conteúdo. Numa frase de Bill Ichter: “Quero algo que mexa com meu coração e não com meus pés”. Mas esforçar-me-ei para não impor meu estilo. Os dois lados, tanto os tradicionais como os barulhentos, são radicais neste ponto (e em outros, também). Querem impor seu estilo como o certo. Eu era um pastor de 25 anos, no interior de S. Paulo (e trinta anos depois, cá estou no interior de S. Paulo, de novo) e era orador de um congresso jovem. O líder de louvor

(este título sempre me soou inadequado – eles lideram cânticos, não o louvor, porque o louvor é todo o culto) era desses manipuladores exóticos. Depois de esgotar todos seu arsenal de truques manipulativos, pôs os jovens para cantarem o conhecido corinho infantil, bem conhecido dos primários de nossas igrejas, “Três palavrinhas só eu aprendi de cor: Deus é amor, tralalalala”, e todos os jovens tinham que cantar fazendo gestos, acompanhando sua direção. Eu estava no meu terceiro ano de ministério, era cioso de minha posição pastoral, já era pai, estava acompanhado da minha esposa. Não queria fazer papel tão gaiato diante dela. E não gosto de fazer gestos. É meu estilo. Não iria violar meu jeito de ser para “criar um clima de descontração”, que era a finalidade daquele cântico, segundo declarou o animador de auditório. Mas eis que ele me viu sem fazer os gestos e sem cantar a letra tão infantil para um adulto, e me censurou de público: “Você, aí, não seja carnal! Faça como todo mundo, não endureça seu coração!”. É óbvio que não o levei a sério e fiquei, como se diz, “na minha”. Chegou a hora de pregar e fui para a frente, apresentado como sendo o orador daquela semana. O moço ficou desconcertado. Veio me pedir desculpas e eu as concedi, sem querer ser magnânimo. Realmente, cometeu uma falha. Pelo menos a reconheceu. Estigmatizou uma pessoa porque esta não era seu clone litúrgico. Por outro lado, já li em publicação evangélica alguém que escreveu, textualmente: “Deus não gosta de órgão!”. Eis aí alguém que sabe em minúcias o gosto de Deus. Não me parece que ele tenha dito qual seja a liturgia preferencial e que prefere piano a órgão.

Mas deixem-me estabelecer logo por onde vou andar. Não me deterei em questões de varejo, mas nos aspectos teológicos que estão embutidos na prática litúrgica do movimento neopentecostal. Algumas dessas práticas estão presentes em igrejas de teologia conservadora. Chacrinha disse, certa vez, que “na televisão nada se cria, tudo se copia”. Entre os evangélicos também. O copismo e a ausência de senso analítico é enorme em nosso meio. Quando falta senso analítico, o risco de se resvalar para o ridículo é grande. Devemos sempre nos lembrar que práticas, gestos e símbolos expressam uma postura assumida. Ou doutrinária, ou cultural ou ideológica. Mas não vêm sós. Expressam o modo de crer ou de ver o mundo.

Uma questão mais a se considerar. Nossa avaliação de culto é antropocêntrica. Tendemos a avaliá-lo positivamente se nele nos sentimos bem, se fizemos uma catarse, se fomos edificadas, se alguma coisa boa nos aconteceu. Não avaliamos o culto considerando se o nome de Jesus foi pregado, se a salvação foi proclamada, se Deus foi posto em primeiro lugar. O bom culto, para muitos, é aquele em que nos sentimos bem. Pode ser que seja até o contrário. Talvez o bom culto seja aquele em que nos sentimos mal, em que fomos incomodados, aquele do qual saímos frustrados porque vimos nossos pecados, nossas falhas, e o Espírito nos inquietou. Por que o Espírito não é um massageador de egos. Ele é Deus e fala o que devemos ouvir, não o que nos faz bem. Tenhamos estas questões em mente em nossa caminhada nesta palestra.

Um problema dos mais sérios no neopentecostalismo é a ênfase que seus cultos dão em campanhas de cura, de prosperidade, de saúde, de revelação, etc. Sua liturgia é direcionada para isto. Este é seu carro chefe. Isto enche as igrejas, tanto que igrejas tradicionais que não conseguem deslanchar resvalam para esta prática, mas é um enfoque equivocados. A preocupação maior com esta atitude não é a glória de Deus, mas as necessidades humanas e estas sempre são focadas por uma ótica hedonista. Isto se vê de maneira muito clara no *slogan* de uma igreja neopentecostal: “Você nasceu para vencer”. É uma frase bonita, que até nos estimula na nossa luta diária, mas está teologicamente errada. Nós não nascemos para vencer. Nascemos para servir e glorificar a Deus. Nascemos para viver com Deus e para Deus. O alvo da nossa vida, como cristãos, deve ser Deus e não nós mesmos ou nossos projetos pessoais. Um cristão de verdade tem um projeto: glorificar a Deus em sua vida. A vitória vem por causa disto. E se for uma vida de sofrimento ou de revezes, ele não é um frustrado por isto. Cristo deve ser engrandecido em nossa vida seja de que maneira for. Um John Bunyan, uma Fanny Crosby, os mártires da igreja em geral, glorificaram a Deus em seus sofrimentos. E o que dizer do profeta Jeremias? Eles se viam a si mesmos como secundários e Deus como o prioritário. Mas a liturgia neopentecostal é elaborada para dar a sensação de

vitória material e de prosperidade. Este é seu apelo: coisas. O bem-estar humano é o propósito da liturgia neopentecostal, apesar de toda a sua fraseologia sobre o poder de Deus.

A conseqüência teológica nesta perspectiva é que Deus existe para nos servir e cumprir uma agenda semanal que nos satisfaça e não para ser adorado e servido. O antropocentrismo do culto alcança aqui um paroxismo. Os chamados “fenômenos” ocupam o lugar de Deus. A preocupação é com “como a coisa parece” ou “como as coisas acontecem” e não com “o Ser em si”. Uma liturgia que se estrutura de modo a dar mais espaço às necessidades humanas do que ao caráter de Deus é perigosa e deve ser vista com reservas. A igreja não é um “Poupa-Tempo”⁴⁵ espiritual. É o conjunto de remidos pelo sangue de Cristo. O culto deve expressar a natureza espiritual da Igreja e seu relacionamento com Deus. Deus é mais que um provedor. É o Senhor. A liturgia de um culto deve enfatizar seu senhorio em todas as áreas da vida, não apenas como providenciador de necessidades que julgamos as mais importantes. A finalidade do culto é a glória de Deus e não a satisfação humana. Toda a vida espiritual passa a ser enfocada por este ângulo: os poderes espirituais estão ansiosos para nos servir. Dois escritores neopentecostais deixam isto bem claro, como vemos na citação a seguir: “Gloria Copeland e Charles Capps sugerem que pode haver entre 40.000 e 72.000 anjos designados para cada crente, apenas esperando para servir-nos”⁴⁶. Se esta é a teologia do neopentecostalismo conhecido como Movimento da Fé, não é de se estranhar uma liturgia voltada para satisfação do homem.

Sabemos que muito da concepção litúrgica tem a ver com o conceito de Igreja que se nutre. No Novo Testamento Igreja nunca é um lugar ou um prédio, mas é sempre gente. No pensamento neopentecostal, Igreja é um lugar onde coisas acontecem. Vê-se isto num *slogan* da Universal, que de tão criticado, foi substituído: “Igreja Universal, onde o milagre é uma coisa natural”. Ora, se é natural não é milagre. Mas nesta declaração, a ênfase também era em eventos, não numa pessoa, o Ser divino. As pessoas se reuniam num culto não para adorar a Deus, mas para buscar sinais e prodígios. A liturgia era numa direção totalmente horizontal, para servir às pessoas. E o culto não era encontro com o Sagrado, com o Totalmente Outro, mas xamanismo puro.

Se a Igreja é o povo de Deus, o culto deve ser a reunião do povo de Deus para ouvir a voz de Deus e reafirmar seu compromisso com ele e seus laços fraternos como seu povo. Aqui reside outro equívoco na liturgia neopentecostal. O aspecto de povo deve ser enfatizado no culto. Mas a sua liturgia é centralizadora, calcada nos líderes. O conceito de “sacerdócio universal de todos os salvos” inexistente. O pastor ou bispo (ou episcoposa, por favor não usem “bispa”) ou apóstolo é um clérigo, uma pessoa que tem o *munus* espiritual. Só ele quebra maldições, só ele tem autoridade espiritual, só ele tem a oração forte. Os crentes são meros assistentes e a liderança litúrgica é o sacerdócio atuante. Geralmente, os compromissos enfatizados não são os da comunidade vivendo no mundo, mas o compromisso de Deus para conosco. O compromisso da comunidade, geralmente, é dimensionado em termos de contribuição financeira. E de acatamento da liderança eclesiástica. Porque a liturgia neopentecostal traz também este aspecto. Ela reforça o domínio do clero sobre o laicato. Estes termos não devem existir na teologia cristã conservadora, mas existem na prática neopentecostal. Na teologia cristã conservadora, todos somos leigos, porque todos somos povo. O pastor é povo de Deus. E todos somos sacerdotes, porque todos temos acesso direto a Deus.

Pensemos um pouco em pregação. Ela faz parte da liturgia cristã. Não é apenas um discurso. É um ato do culto. Sempre se entendeu que pregar é anunciar as verdades de Deus. Resumindo a citação de Crane sobre a definição de Phillips, naquela que é a mais conhecida obra de Homilética em português: “A

⁴⁵ Instituição em Campinas que visa eliminar os trâmites burocráticos para tirar documentos.

⁴⁶ ANKERBERG, John e WALDON, John. *Os Fatos Sobre O Movimento da Fé*. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1996, p. 63.

pregação é a comunicação da verdade por um homem aos homens”⁴⁷. Partindo daqui, entendemos que pregar é comunicar a verdade, e assim definimos qual é o material da pregação. Se é a comunicação da verdade, a pregação deve comunicar a Bíblia. Ela é a verdade de Deus. O culto deve fazer a Bíblia brilhar. Culto sem Bíblia é bastante problemático. O culto neopentecostal é carente de exegese bíblica. As pregações são cheias de “confissões positivas” do tipo: "Você pode e deve prosperar, use sua fé e prospere, hoje Jesus vai te curar, Deus vai mudar sua vida...". Uma episcopesa (ou episcopisa), que o pessoal cisma de chamar de “bispa” (que horror!), ignorando a língua portuguesa, gritava lemas de auto-ajuda pela televisão, em um programa de seu grupo. O clima era de histeria e de lavagem cerebral, pela técnica de repetição de frases curtas, não um clima de ensino. O que ela dizia estava mais para Lair Ribeiro que para Jesus Cristo. Mais uma vez, surge a questão antropocêntrica, só que agora na pregação. É preciso dizer algo que agrada as massas e as mantenha cativas. Não há, na maioria destas igrejas, uma exposição das Escrituras capaz de ensinar os ouvintes sobre o significado da Bíblia. Os ouvintes não precisam crescer e amadurecer, apenas consumir. Isto faz com que quase sempre a palavra do líder tenha peso de Palavra de Deus e, o que ele declara passa a ser seguido como regra de fé e prática. Desta maneira, como já acentuei antes, a liturgia neopentecostal serve para legitimar e reforçar o domínio do pastor sobre o rebanho. Além de ser o quebrador das maldições e o proferidor das bênçãos, o homem do acesso direto a Deus, o pastor domina o rebanho. Já vimos isto em momentos de eleições, com o voto de cabresto, em certas igrejas neopentecostais. Assim, o culto é centrado no pastor ou na episcopesa. O líder é um sacerdote, uma pessoa incomum, acima das outras.

Isto é tão real que nas igrejas do chamado neopentecostalismo autônomo⁴⁸ os rachas são efetuados por pastores, nunca pelo rebanho. Este não questiona. Na realidade, nem mesmo tem acesso às instâncias de poder eclesiástico. A própria pregação neopentecostal transcorre pela via hermenêutica subjetiva da “iluminação” do pregador. Vimos citações de pregadores neopentecostais, na palestra sobre a cristologia. Ali se pode ver como a Bíblia é usada. Ela não é central no culto. É periférica. O central é a palavra do pastor ou da episcopesa. Ora, em minha Igreja, se eu reinterpretar a Bíblia e usá-la para apoiar minhas posições pessoais, em discordância do que a comunidade entende ser a ortodoxia bíblica, serei deposto do pastorado. Um pastor tradicional deve se subordinar à Bíblia, e uma igreja tradicional avaliará as mensagens que recebe pelo grau de publicidade que elas apresentem. A liturgia não pode ser usada para subsidiar quebra doutrinária.

A ênfase na palavra do pastor aliada ao seu papel litúrgico de sacerdote inquestionável acaba criando uma “tradição oral”, no neopentecostalismo. Na Igreja Católica, o papa é infalível quando se pronuncia em nome da Igreja. No neopentecostalismo, a liturgia vem para reforçar o domínio doutrinário do pastor, tornando-o infalível. Ele não pode ser questionado. Remeto-os ao livro de Paulo Romeiro, *Supercrentes*⁴⁹. Ele mostra que, de posse de declarações, gravadas em vídeo, de Valnice Milhomens Coelho, tentou dialogar com ela. Ela negava que tinha dito o que ele afirmava, dizia que fora mal interpretada ou se recusava a responder aos contatos por ele procurados. Neopentecostais não aceitam ser questionados. Deus fala por eles. No culto, a voz deles não é uma voz humana interpretando a Palavra de Deus, mas é Deus mesmo falando.

Na primeira palestra, comentei que devemos a Raymond Boatright, um dos introdutores do neopentecostalismo no Brasil, o uso de instrumentos musicais que só se empregavam em *shows*, como guitarras elétricas e instrumentos de sopro, bem como o cântico de corinhos no estilo *country*. A liturgia se tornou mais popular, menos anglo-saxã, apelando para estilos musicais brasileiros. Assim chegamos a ter a bateria no culto. Em algumas igrejas o volume é tão alto, que nada mais se ouve. Preguei para um auditório de aproximadamente 1.200 pessoas, em uma igreja em Manaus. Na hora dos cânticos os

⁴⁷ CRANE, James. *O Sermão Eficaz*. Rio de Janeiro: Juerp, 1989, p. 16.

⁴⁸ Veja este conceito, na primeira palestra.

⁴⁹ ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes*. S. Paulo: Mundo Cristão, 1994.

instrumentos abafavam as vozes de mais de mil pessoas. Geralmente os cânticos são entregues a jovens, que apreciam barulho, e são apoiados por pessoas que associam volume de som com qualidade da fé. A liturgia neopentecostal apela muito para volume elevado. Mas isto não é um privilégio seu nem pode ser caracterizado como prática exclusivamente sua. O problema reside no fato de que se associou barulho e gestual com espiritualidade. Esta é a questão. Esta postura simplifica a vida espiritual, que de profunda e brotando de dentro, se tornou em questão cultural e litúrgica. A forma triunfou sobre o conteúdo. Este é um perigo em qualquer dos campos, seja o neopentecostal, o pentecostal, ou o tradicional. O Pr. Marcelo Rossi também faz barulho e não é neopentecostal. Mas no neopentecostalismo tal idéia é mais difundida. Barulho não produz santidade nem leva Deus a agir.

Esta prática reflete uma atitude interior encoberta pela liturgia. As pessoas não querem pensar nem aprender. Querem externar suas emoções. E também há um outro aspecto, cultural, segundo entendo: a ditadura do som. As pessoas não conseguem ficar em silêncio. Vai-se a um churrasco, a uma festa, a um jantar, e há sempre um aparelho de som com uma música barulhenta. Não se pode conversar, a não ser aos gritos. Na Igreja, o prelúdio foi desvirtuado e é uma cortina musical para abafar a conversa das pessoas, quase nunca uma ocasião para meditar, orar, ler a Bíblia e colocar-se em atitude de oração. Mas há mais a considerar. Uma das coisas que se aprende em Publicidade é sobre o uso da música para vender um produto. Num restaurante elegante, caro, a música é suave e tranqüilizante. O interesse é que as pessoas demorem e assim consumam mais. A garrafa de vinho mais popular está por R\$ 50,00. Para que pressa? Num supermercado, a música é barulhenta, agitada, para evitar que as pessoas pensem. Elas devem agir rapidamente, sem tempo para efetuar contas ou para avaliar se precisam mesmo daquele produto. A liturgia neopentecostal é para as pessoas agirem, se movimentarem, nunca pensarem detidamente nem refletirem. Já viram instantes de oração silenciosa numa igreja neopentecostal? As pessoas são condicionadas para obedecer e tomar as decisões de acordo com o que lhes é servido. Elas são consumidoras, e nunca refletidoras. A liturgia é dinâmica e agitada com este fim. Meu receio é que isto produza uma fé superficial, sem aprofundamento.

Preciso falar sobre a letra dos cânticos, ainda que não detidamente. Geralmente ela é expressa em linguagem genérica, mística, sem abordar as verdades fundamentais da teologia cristã. Anos atrás apresentei à Ordem dos Pastores Batistas do Distrito Federal uma palestra sob o título “A teologia dos corinhos”. Infelizmente a perdi. Preciso e pretendo refazê-la. O que cantamos? Se espremermos a maioria dos corinhos não teremos suco para uma colher de sopa. Como a liturgia é agitada, para envolver a pessoa e evitar que ela reflita, as letras devem ser as mais fáceis possíveis. Os verbos mais usados são “adorar, entronizar, ministrar, contemplar, cantar, render”. As expressões mais comuns são “ministrar louvor, tocar as vestes” e, agora, não sei porque, “mergulhar nos teus rios”, “andar nos teus rios”, “teus rios”. Um cântico, inclusive, diz “faz-me mergulhar em teus rios”. Que rios são esses? O pessoal anda com muita sede... Há o “voar nas asas do Espírito”. O que isto significa? Há uma internalização e misticização da fé cristã. Ela se transforma em meras sensações e aspirações místicas irrealizáveis. O relacionamento com Deus se torna semelhante a uma viagem interna, mística. Aliás, uma campanha de evangelização de jovens tinha como *slogan* esta frase: “Faça uma viagem com Jesus”. Se o que se pretendia era pegar carona nas viagens com drogas para alcançar seus usuários para o evangelho, embora bem intencionada, a proposta não foi muito feliz. Jesus foi colocado em pé de igualdade com as drogas que há por aí.

Algumas vezes a linguagem é absolutamente cifrada. Canta-se muito a respeito do monte Sião, mas o que ele significa para o cristão? Canta-se Jerusalém como se ela fosse uma cidade santa para nós. Pode ser que para os judeus e para os muçulmanos ela o seja, mas para o cristão, Jerusalém é “chamada Sodoma e Egito, onde também foi crucificado o seu Senhor” (Ap 11.8). No cristianismo não existe terra santa nem lugar santo nem monte santo. Deus é santo e seu povo é santo, mas nenhuma cidade terrena em particular nem qualquer acidente geográfico o são. O rasgamento do véu do templo quando da morte de Jesus significa isto: Deus foi-se embora de Jerusalém. Ele não mora mais lá. Mora no crente, pelo Espírito Santo. Canta-se mais o Antigo Testamento em geral e os Salmos, em particular, que o Novo Testamento.

Há gente que até se intitula de “levita” porque toca algum instrumento ou faz parte de um “grupo de louvor”. Devemos reconstruir tabernáculos portáteis para que eles desmontem, carreguem e montem, uma das funções dos levitas. E, na ausência dos recabitas, devem cortar lenha e carregar água para o templo. Há uma fixação na liturgia neopentecostal com o sacerdotalismo do Antigo Testamento. E muitas de nossas igrejas estão copiando isto.

Sei que a linguagem musical é poética e na poesia a conotação é mais forte que a denotação. Mas os grandes temas da fé não são mencionados. A salvação, a cruz, a redenção, justificação, etc. Houve um hino oficial de uma campanha sobre Gideão que era particularmente curioso. Gideão era chamado de “cabriteiro” e associado com um tipo de crente que não contribuía com o melhor de suas posses. A pobreza poética é enorme. Alguns compositores são bem intencionados, são sérios, do ponto de vista espiritual. Mas deveriam pedir ajuda a alguém que entenda de teologia e também de português. A língua de Camões sofre... E Machado de Assis deve se revirar na sepultura...

Um problema não menos grave é que muito da liturgia neopentecostal é direcionada para a cobrança de oferta dos fiéis (quase sempre prometendo a estes soluções da parte de Deus). Isto tem dado a estes cultos um aspecto mercantilista e explorador. Transforma Deus de um Ser Totalmente Santo num funcionário corrupto, que funciona na base de propinas. Em latim, isto se chama *do ut des*⁵⁰. Uma troca de favores. Em um desses cultos, um ex-aluno meu que ali participava para fazer um trabalho de Seitas, contou sete momentos de levantamentos de ofertas. Num mesmo culto! As igrejas vivem de dízimos e ofertas, mas o levantamento destes deve obedecer a critérios bíblicos e deve haver uma administração transparente e uma prestação pública de contas. Devem ser um gesto de amor para com Deus e devem ser entregues como ato de culto. Não podem ser uma taxa para obter favores divinos nem podem ser extorquidos.

Alguém dirá que sabe de muita gente que se converteu em cultos assim e que foi edificada em liturgia assim. Às vezes, o próprio contra-argumentador. Reconheço ser assim, mas não é este o ponto. Conheci um homem que fez uma decisão por Cristo numa igreja batista, em Belém, depois abandonou a Igreja, e voltou à vida antiga. Era viciado em drogas. Foi comprar droga de um antigo fornecedor, que era pai-de-santo. Quando ele chegou, o pai-de-santo incorporou uma entidade que o mandou ir embora porque ele não era mais de lá. Pertencia ao outro lado. Um caso estranho de alguém repreendido por um demônio e que voltou para o evangelho por causa desta bronca. Isto não torna correto o uso de drogas nem o ouvir entidades malignas para se firmar na fé. O que estou argumentando é que há pontos litúrgicos que trazem embutidos em sua prática alguns pressupostos teológicos equivocados. E quem gosta de coisas certas e bem feitas, despreza atalhos, e segue pelo caminho correto.

A liturgia pode ser alegre. Não deve ser macabúzia. Um de meus pontos de filosofia de ministério, o segundo, diz: “A Igreja celebra a sua fé sem rigidez, mas sem artificialismo”. Nem missa nem forró. Nem canto fúnebre (embora muitos gostem dele) nem *rap*. Bom senso nunca matou ninguém. E doutrina correta não faz mal a Igreja alguma. E doutrina não é antônimo de vida e espiritualidade.

Uma palavra final. Muitos pastores se sentem incomodados no exercício de seu ministério pastoral. Por algum motivo, sua Igreja não cresce. De repente ele vê uma que está crescendo. Busca logo o método, sem muita consideração com o restante. E na ânsia de ver seu ministério avançar, comete alguns atropelos. Minha Igreja tem crescido, pela graça de Deus. Não é chute nem vontade, mas estatística. Mais de dois terços de sua membresia tem menos de cinco anos na Igreja. Estamos no processo de construção de um templo para 1.500 pessoas. Muitos me perguntam qual o método. Sempre digo que métodos não são tão relevantes como se pensa. O que conta são atitudes. Atitudes de minha parte, que assumi, e atitudes da parte da Igreja, que ela assumiu. Nossa metodologia serve para nós, uma igreja urbana num

⁵⁰ Expressão latina que significa “dou para que dê”. Equivale a “toma lá, dá cá” ou “uma mão lava a outra”.

bairro de classe média alta numa cidade rica e culta. E o pastor titular tem um jeito que a Igreja aceitou. Somando tudo isto, temos jeito não servirá para muitas outras igrejas. Quando falo em congressos e retiros de pastores sobre o assunto, digo “não nos copiem”. Busquem seu próprio caminho. A imitação tem feito muitas igrejas caminharem por aventuras litúrgicas e eclesiológicas. O fim destas experiências pode ser como a vida de Saul: com boa iniciativa, mas com má acabativa. Não copiem. Não sejam acrílicos. Vejam o que está por trás da prática litúrgica. Cuidado com atalhos. Como diz o Dr. Hilmar Furstenau, do Seminário Teológico Batista do Paraná, e que tive o privilégio de ter como professor no mestrado em S. Paulo: “atalho dá trabalho”.

Que tipo de culto advogo? Um em que as pessoas sejam instrumentos, e não atores. Que o foco seja direcionado para Deus e não para pessoas. O pregador, os solistas, os conjuntos e todos os outros participantes não são artistas. São crentes que devem dizer como o Batista: “convém que ele cresça e que eu diminua”. Sem estrelismo e sem manipulação. Que nos aproxime de Deus, que nos faça compreender as verdades da sua Palavra, que mude nosso caráter, que produza santidade. Que impulse ao serviço. Que constranja o adorador a uma vida mais dedicada. Não é a forma que mais me preocupa. É o propósito. Mas em termos de forma, que seja culto que edifique a todos os segmentos da Igreja, e não apenas satisfaça à estética de um grupinho que tem o domínio do culto. Voltando a Bill Ichter: “Quero algo que mexa com meu coração e não com meus pés”.